

MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS
TRADUÇÃO ESPECIALIZADA

Tradução Cultural: o desafio da expressão idiomática

Ricardo Fernando de Castro
Gonçalves dos Santos

M

2016



Ricardo Fernando de Castro Gonçalves dos Santos

Tradução Cultural: o desafio da expressão idiomática

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos –
Tradução Especializada, orientada pela Professora Doutora Maria Alexandra de Araújo
Guedes Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2016

Tradução cultural: o desafio da expressão idiomática

Ricardo Fernando de Castro Gonçalves dos Santos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos –
Tradução Especializada, orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Maria Alexandra Guedes
Pinto

Membros do Júri

Professor Doutor Thomas Juan Carlos Hüsgen
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Alexandra de Araújo Guedes Pinto
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores

*À minha mãe, Maria Natália Castro, que sempre fez tudo
por mim, às minhas tias Leonor, Leonilde e Fernanda Castro*

Sumário

Agradecimentos.....	9
Resumo.....	11
Abstract.....	12
Resümee.....	13
Índice de tabelas e imagens.....	14
Lista de abreviaturas e siglas.....	15
Introdução.....	16
1. Capítulo 1 – Enquadramento teórico.....	19
1.1 Idiomaticidade vs composicionalidade.....	19
1.2 A metáfora conceptual.....	25
1.3 A Unidade Fraseológica.....	28
1.3.1 A colocação.....	30
1.3.2 A locução.....	35
1.3.3 A expressão idiomática – definições, características e tipos de EI.....	37
1.4 Os automatismos linguísticos.....	44
1.5 Significado potencial vs significado contextual.....	47
1.6 Competência gramatical vs competência comunicativa.....	52
2. Capítulo 2 – Estudos da tradução.....	56
3. Capítulo 3 – Estudo de caso.....	65
3.1. Enquadramento.....	65
3.2. Delimitação de género textual.....	66
3.3. Marcadores de género textual (dicionário de inglês–português).....	68
3.3.1. Componente semântica.....	68
3.3.2 Componente metatextual.....	68
3.3.3 Componente peritextual.....	69
3.3.4 Componente estrutural/composicional.....	69
3.3.5. Componente material.....	70
3.3.6 Componente estilística e fraseológica.....	71

3.3.7 Componente pragmática	72
3.3.8 Componente enunciativa	72
3.4 Marcadores de gênero textual (dicionário de português–alemão).....	73
3.4.1 Componente estrutural/composicional	73
3.4.2 Componente material	75
3.4.3 Componente estilística e fraseológica	75
3.5 Análise dos dicionários	76
3.5.1 <i>Dicionário de expressões idiomáticas Inglês–Português</i>	76
3.5.2 <i>Dicionário idiomático Português–Alemão</i>	87
3.6 Finalização do estudo	89
Considerações finais	90
Referências bibliográficas	95

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer à Professora Doutora Alexandra Guedes Pinto pela disponibilidade imediata que demonstrou assim que solicitei a sua orientação para a redação desta dissertação e por todo o apoio ao longo deste último ano letivo.

Esta dissertação não teria sido possível, também, sem a ajuda de mais alguns membros do corpo docente deste mestrado, nomeadamente da professora Anette Kind, que sempre me mostrou que havia sempre mais e mais a melhorar, puxando por mim em todas as ocasiões oportunas, sempre com os comentários e observações mais adequados, para além de se disponibilizar a esclarecer todas as dúvidas, quer por e-mail, quer presencialmente em aula; da professora Elena Galvão, que sempre se mostrou disponível para rever qualquer trabalho ou esclarecer qualquer dúvida durante este mestrado, inclusive na redação desta dissertação; da professora Joana Guimarães, que sempre contribuiu positivamente para a minha evolução nas unidades curriculares de tradução e legendagem; e ainda do professor Thomas Hüsgen, que nunca desistiu de me fazer ver o porquê de alguma coisa estar errada, por muito que a mim pudesse não parecer.

Gostaria de agradecer, além disso, a todos os colegas de mestrado que fizeram com que esta dissertação fosse possível, nomeadamente Ana Monteiro, Dulce Montes, Ian Rodrigues, Joana Teixeira e, acima de tudo, mais do que uma colega de mestrado, um pilar indispensável na minha vida, Filipa Pereira.

Amigos que estarão sempre no meu coração por me terem apoiado ao máximo também merecem um grande “obrigado”: Sofia Reis, a melhor amiga que alguém pode ter, Ana Azevedo, Soraia Gonçalves, Inês Cardoso.

Por fim, a minha família, quer a de sangue, quer a de empréstimo, fez com que tudo isto se tornasse possível através de um apoio que nunca conseguirei descrever: a minha mãe, Maria Natália Castro, o meu irmão, João Santos, a minha irmã, Sílvia Raquel, a Diana, uma irmã que encontrei por acaso na vida, a tia Natália, mãe da Diana e homónima da minha, o tio Joaquim, um pai que muitos gostariam de ter, o Vasco, que terei sempre no coração como meu cunhado, e o Daniel, que terá sempre um papel especial na minha vida.

Resumo

As expressões idiomáticas estão constantemente presentes no nosso cotidiano. São mecanismos discursivos que são utilizados pelos falantes de qualquer língua de forma espontânea, quase irrefletida. Dado carregarem, por vezes, uma grande quantidade de informação cultural, tornam-se um desafio no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, assim como no ramo da tradução. Possuem características específicas, destacando-se de outros enunciados que possamos produzir no nosso dia a dia, pelo que carecem de um estudo mais aprofundado, de modo a que, no caso do nosso trabalho, seja exequível uma tradução que se adeque ao original, quer através da tradução literal com nota explicativa ou do uso de um equivalente pragmático, entre outros. Para tal, serão explorados diferentes aspetos que se revelam fundamentais na análise, interpretação e tradução das expressões idiomáticas. Também de suporte para este estudo servirão as teorias funcionalistas da tradução, já que se focam no propósito e função da tradução e têm em conta o público-alvo que a receberá. O foco do estudo de caso estará relacionado com a análise de dois dicionários de expressões idiomáticas, um deles com expressões do inglês e outro com expressões do alemão, juntamente com os correspondentes em português. O objetivo final será, então, tomar uma posição quanto às traduções escolhidas pelos autores dos dicionários em questão, propondo, sempre que possível e oportuno, uma tradução que melhor se adeque ao caso.

Palavras-chave: expressão idiomática, tradução, dicionário

Abstract

Idiomatic expressions are part of our daily routine. These speech mechanisms are spontaneously used by a native speaker of any language. Since they sometimes convey information which is not only linguistic, but also cultural, idiomatic expressions are a big challenge when it comes to teaching and learning a foreign language, as well as regarding translation. These expressions have some specific features which make them different from other speech elements we produce in a daily basis. That is why we need to study this topic into more detail, so that we can obtain a suitable translation for the original expression. Some of the strategies we might use are based on literal translation with an explanatory footnote and on the use of pragmatic equivalents, among others. To accomplish the purpose of our study, we shall analyse into further detail several aspects considered relevant for the analysis, interpretation and translation of idiomatic expressions. This study will also be based on functionalist translation theories, since they focus on the purpose and the function of the translated text. Moreover, by focusing on these theories we shall bear in mind the target audience. Our study shall be focused on the analysis of two different dictionaries of idiomatic expressions, one of them containing expressions in English and the other one containing expression in German, together with their Portuguese equivalents. Our main goal shall be to share our view on the translations chosen by the authors and, whenever possible, suggest a translation that might best suit the original expression.

Keywords: idiomatic expression; translation; dictionary

Resümee

Idioms sind ein üblicher Teil unseres Alltags und werden von jedem spontan und unbedacht verwendet. Aufgrund ihrer kulturellen Entstehung werden sie, was den Sprachunterricht und die Sprachlehre angeht, sowie den Übersetzungsbereich, als große Herausforderung betrachtet. Dank einigen ihrer Eigenschaften unterscheiden sie sich von anderen gewöhnlichen Sätzen, was verlangt, dass sie detaillierter untersucht werden, um eine Übersetzung zu finden, die zur originalen Redewendung passt. So eine Übersetzung könnte durch wortwörtliche Übersetzung bzw. durch ein pragmatisches Äquivalent, u.a., ausgeführt werden. Dazu werden verschiedene Elemente beobachtet, die uns wichtig für die Analyse, Interpretation und Übersetzung solcher Spracheinheiten zu sein scheinen. Unsere Studie gründet sich ebenfalls auf den funktionalistischen Übersetzungstheorien, da sie den Zweck und die Funktion des übersetzten Textes sowie die Zielgruppe in Betracht ziehen. Unsere Untersuchung basiert auf zwei verschiedene Wörterbücher, einem mit Idioms auf Englisch und anderem mit Idioms auf Deutsch, beide die entsprechenden Äquivalente auf Portugiesisch enthaltend. Unser Hauptziel ist, unsere Ansicht bezüglich der von den Autoren gewählten Äquivalente darzulegen und, wenn möglich, ein anderes passendes Äquivalent vorzuschlagen.

Schlüsselwörter: Idiom; Übersetzung; Wörterbuch.

Índice de tabelas e imagens

Tabela 1	40
Imagem 1	64
Imagem 2	68
Imagem 3	69

Lista de abreviaturas e siglas

CC – Cultura de chegada

CP – Cultura de partida

EI – Expressão idiomática

TC – Texto de chegada

TP – Texto de partida

UF – Unidade fraseológica

Introdução

A presente dissertação focar-se-á na tradução das expressões idiomáticas, nomeadamente nos problemas a elas inerentes do ponto de vista do tradutor. O tema escolhido é um tema atual e digno de estudo, dado que tem vindo a ser alvo de discussão por parte de diversos autores, quer da área da Linguística, quer da área da Tradução, sendo também um tópico com uma alta probabilidade de marcar presença em qualquer fase da carreira profissional de um tradutor.

A ideia base para este trabalho surgiu de uma ligação com o mundo da música, mais precisamente de uma paródia feita à música *Dark Horse* da cantora Katy Perry, cujo título, só por si, constitui já uma unidade de discurso idiomática. Ao longo da paródia são mencionadas e explicadas sucintamente diversas expressões idiomáticas que contêm a palavra *horse*, como *one horse town* ou *hold one's horses*, como forma de criticar a incoerência de o título da música ser *Dark Horse* e o videoclipe da música em questão se passar no Antigo Egito, o que não se relaciona em nada com o título. Tal crítica deu azo a que começássemos uma pesquisa sobre as EIs, que mais tarde viria a dar origem a este trabalho.

O objetivo deste trabalho será, então, analisar alguns dos diferentes aspetos linguísticos inerentes às EIs, assim como abordar as teorias funcionalistas da tradução, de modo a que, no nosso estudo de caso, possamos estudar dois diferentes dicionários idiomáticos e tomar uma posição fundamentada em relação às escolhas tradutivas dos autores e, sempre que possível, sugerir uma tradução mais adequada. Além disso, pretendemos, também, abrir caminho para futuros estudos em relação a diferentes campos que serão levemente tratados neste estudo, que não fazem diretamente parte do grande tema desta dissertação, nomeadamente a tradução dos automatismos linguísticos e a tradução, ensino e aprendizagem dos *phrasal verbs*. Tais temas serão abordados por se relacionarem, de uma forma ou de outra, com o propósito deste trabalho, não sendo, no entanto, o assunto principal do mesmo.

A presente dissertação estará dividida em três apartados, sendo estes o enquadramento teórico, que tratará de diversos aspetos relacionados com o tema da nossa tese, nomeadamente os princípios da idiomaticidade e da composicionalidade, a metáfora conceptual, a noção de unidade fraseológica, os automatismos linguísticos, a distinção entre significado potencial e significado contextual e, por fim, a dicotomia competência gramatical vs. competência linguística; um segundo capítulo que abordará brevemente as teorias funcionalistas da tradução; e um terceiro que corresponderá ao nosso estudo de caso.

Relativamente aos temas tratados no primeiro capítulo, são vários os autores que nos servirão de suporte para o nosso estudo. Relativamente ao primeiro tópico, surgem-nos alguns nomes como Fillmore e Valentim, que se revelam imprescindíveis na análise do princípio da composicionalidade, assim como Rio-Torto, que contrapõe a composicionalidade semântica à idiomaticidade. Já quanto à metáfora conceptual, guiaremos-nos pelas palavras de Lakoff e Johnson, dois autores de renome que refletem minuciosamente sobre o assunto; além disso, Rodrigues *et al.* escrevem sobre a metáfora conceptual presente nos idiomatismos, análise essa que mostra ser também importante e digna de menção. Quanto à noção de UF, bem como de todas as subcategorias de UFs analisadas nesta dissertação, alguns nomes não poderão ser deixados de parte, como Halliday, Lopes e Corpas Pastor, por cujas palavras também nos guiaremos para tratar dos automatismos linguísticos. Por fim, de modo a que possamos esclarecer a noção de significado potencial e significado contextual, estudaremos os pressupostos mencionados por Allwood e Fairclough, entre outros, que, na nossa perspetiva, serão os autores mais indicados para explicar estes dois conceitos. Por fim, relativamente às noções de competência gramatical e competência linguística, falaremos inevitavelmente de Chomsky e Hymes, assim como de Tienson, que tecem considerações bastante pertinentes para nesta matéria.

No que diz respeito aos autores que teorizam sobre as teorias funcionalistas da tradução, as palavras de Nord, Göpferich e Pym parecem-nos as mais acertadas para descrever do

que tratam as teorias funcionalistas da tradução, que servirão igualmente de alicerce ao nosso estudo.

O nosso estudo de caso consistirá na análise e comentário de 14 EIs, mais precisamente doze em inglês e duas em alemão, sendo que, sempre que possível, proporemos uma tradução que possa mostrar ser mais adequada nas situações analisadas. Veremos quais as metáforas subjacentes a essas expressões e tentaremos sempre ver qual o valor cultural que cada uma comporta dentro de si, para que possamos expor da melhor maneira possível o significado das EIs revistas.

Capítulo 1 – Enquadramento teórico

De modo a que seja exequível uma análise das diversas EIs, assim como das estratégias de tradução mais adequadas, e para que nos seja possível determinar, no final deste estudo, quais as unidades linguísticas que podem ser tratadas como EIs, abordaremos alguns tópicos que se revelam imprescindíveis neste trabalho, nomeadamente a contraposição das ideias de idiomaticidade e composicionalidade; a metáfora conceptual, regendo-nos pelos princípios de Lakoff e Johnson; a unidade fraseológica, assim como alguns subtipos, incluindo as EIs, as noções de significado potencial e significado contextual; os automatismos linguísticos e as competências gramatical e comunicativa. Com toda esta informação pretendemos abrir caminho para a análise realizada no terceiro capítulo deste trabalho, o nosso estudo de caso, no qual teremos em conta todos os elementos mencionados ao longo deste primeiro capítulo. Após investigação, os itens aqui explorados mostraram integrar-se perfeitamente nesta dissertação que se prende com os problemas de tradução que as EIs poderão apresentar para o tradutor.

1.1. Idiomaticidade vs. composicionalidade

O conceito de idiomaticidade será, sem dúvida, o mais importante para que possamos compreender as EIs e todos os problemas a elas subjacentes. Rio-Torto (2012: 397), diz-nos que “a idiomaticidade surge quando o significado do todo não pode ser compreendido tendo em conta o significado das suas partes”¹, opondo, assim, a idiomaticidade à composicionalidade (tópico que abordaremos mais adiante). Mais à frente no seu estudo, Rio-Torto revela que a idiomaticidade se relaciona maioritariamente com os compostos e idiomatismos. Com efeito, a autora refere que a criação de compostos² é muitas vezes como uma área de idiomaticidade, dando exemplos bastante claros desta questão, tal como o seguinte:

¹ Texto original: *Idiomacity emerges when the global meaning of the whole cannot be compositionally computed taking into account the meanings of the parts.*

² Dada pelo nome de *compounding* em inglês.

(1) *revoltar* ‘to rebel, to break away from or rise against constituted authority’, and not ‘to come again’, as *re + voltar* ‘lit. Again + to come’ would mean.³

No nosso trabalho, focar-nos-emos, contudo, apenas na idiomaticidade relativamente a unidades constituídas por mais do que uma palavra, a não ser que a menção de uma unidade composta por uma única palavra seja estritamente necessária para a compreensão de algum conceito-chave ou de alguma explicação avançada no estudo de caso.

Fillmore *et al.* (1998: 502) abordam também a idiomaticidade, falando-nos de unidades que “não são afetadas pela gramática, pelo léxico ou pelo princípio da composicionalidade semântica”, sendo estas as características que marcam uma expressão idiomática. Tais unidades são “maiores do que palavras e funcionam como palavras, no sentido em que devem ser aprendidas separadamente, como uma unidade só, mas que também possuem uma estrutura gramatical”.

Os autores transmitem ainda a ideia de que, complementando o que foi dito anteriormente, aquilo que é idiomático carece, para sua compreensão, de outros tipos de conhecimentos para além do conhecimento gramatical.

A idiomaticidade também é mencionada por Keromnes (2013: 4), particularmente numa secção denominada *Métaphores conceptuelles, traduction et idiomatité*, que atesta que “a idiomaticidade é precisamente aquilo que é característico de uma língua, não se deixando, assim, traduzir”⁴.

Kavka e Zybert (2004), falam da idiomaticidade, contrastando o conceito com o de “idiomatologia”. Idiomatologia (em inglês *idiematology*) é, para os autores, uma disciplina linguística (como todas aquelas cujo nome é formado com o sufixo *–ology*),

³ Basicamente, a ideia aqui demonstrada é a de que não deveremos tomar o prefixo “re-” como um elemento que demonstre forçosamente repetição de uma ação. Contudo, posso expor uma explicação mais clara deste mesmo exemplo, dado que, a meu ver, a explicação está errada, pois o verbo “voltar” não seria *to come* em inglês, correspondendo esta tradução ao verbo “vir”; *to come again*, tradução literal dada para “revoltar”, seria a tradução de “voltar”, apenas, dado que “voltar” implica que o indivíduo que se desloca já esteve uma vez no local para onde volta (isto, claro, se tivermos em conta que “voltar” significa, mais precisamente, “voltar para” e não “voltar de”).

⁴ Texto original: *l’idiomatité est précisément ce qui appartient en propre à une langue, et ce qui ne se laisse donc pas traduire.*

tratada como ciência, com os seus próprios métodos de investigação (2004: 55). Já a idiomaticidade (em inglês *idiomaticity*, palavra formada como *regularity* ou *priority* – palavras às quais atribuímos, portanto, o sufixo *-ity*) referir-se-á, segundos os autores, a uma “qualidade” daquilo que “constitui ou contém um (ou mais) idiomatismo(s)”. Deveremos, ainda, prestar atenção à observação feita pelos autores de que a idiomaticidade se refere a uma qualidade, mas que não implica forçosamente que a idiomaticidade de uma expressão dependa da existência de um idiomatismo na mesma.

Um outro conceito fundamental para o estudo e compreensão das EIs será o princípio da composicionalidade, como pudemos já ver pela forma repetida como alguns autores o mencionam para delimitar a noção de idiomaticidade. Valentim (2009: 39) dá-nos uma breve definição deste mesmo princípio, sendo ela:

“O sentido de uma expressão complexa é uma função dos sentidos das suas partes e da forma como estão combinadas / o significado de uma frase é determinado pelos significados dos seus constituintes e pelo modo como estes estão combinados.”

No mesmo ensaio da autora, a mesma fala-nos também de questões metalinguísticas inerentes a este princípio, como é o caso do papel do contexto na determinação do grau de composicionalidade de uma dada expressão.⁵

Goldberg (2016), recuperando Dowty (2006), exhibe uma definição do princípio da composicionalidade, dizendo-nos que “o significado de qualquer expressão de uma língua terá de ser determinado pelo significado dos seus constituintes e da estrutura sintática usada para os ligar”. Mais à frente no seu ensaio, a autora indica-nos seis argumentos, importantes para a presente análise, que falam a favor deste princípio, sendo eles:

- a. Speakers produce and listeners parse sentences that they have never spoken or heard before.
- b. Speakers and listeners generally agree upon the meaning of sentences.
- c. Since there exists an infinite number of sentences, they cannot all be memorized.
- d. There must be some procedure for determining meaning.
- e. Sentences are generated by some grammar of the language.
- f. The procedure for interpreting sentences must be determined, in some way or other, by the syntactic structures generated by the grammar together with the words.

⁵ De acordo com Valentim, o princípio da composicionalidade é conhecido como “o princípio de Frege” – além da autora, também outros autores falam de Frege no que diz respeito à composicionalidade, como é o caso de Goldberg (2016) e Pelletier (1994), entre outros.

A autora menciona ainda, num subapartado do mesmo ensaio, denominado *Challenges to compositionality: Critical issues and topics – idioms*, um conceito importante na análise da composicionalidade das EIs, que é o conceito de “expressão idiomática deformável” (*deformable idiom* em inglês); o presente conceito é usado para argumentar contra a não composicionalidade das expressões idiomáticas, visto que as EIs deformáveis admitem certas alterações que uma EI não permitiria, como é o caso da modificação dos complementos (quantificadores, por hipótese), pluralização de elementos nominais, uso da voz passiva, entre outros. Um exemplo de EI deformável que a autora nos dá é *to pull strings* (o correspondente a *puxar os cordelinhos* em português) – aqui, a EI em inglês admite a voz passiva e complemento direto da expressão, *strings*, pode ser quantificado, como no exemplo que a autora nos dá (em que as partes sublinhadas simbolizam, respetivamente, a quantificação de *strings* e o uso da voz passiva):

A lot of strings were pulled to get him the part in the movie⁶.

Por fim, importante será mencionar que, a favor da composicionalidade, poderemos argumentar que “a cada uma das palavras de uma EI deformável é atribuída uma parte do significado do todo” (Goldberg: 2016), sendo esta teoria inevitavelmente abalada pela posição de que o significado das partes da expressão idiomática depende do contexto, sendo necessárias determinadas coordenadas discursivas para que a expressão assuma o seu significado idiomático.

Pelletier (1994: 11) alerta para algumas fragilidades no que diz respeito ao princípio da composicionalidade, acusando-o de ser vago e não específico quanto aos seguintes aspetos: o que é que conta, efetivamente, como parte da expressão; que tipo de função/relação é admitido. Além disso, este princípio também não esclarece o que é que se entende por “significado”, assim como não nos diz se duas expressões têm o mesmo significado ou um significado diferente entre si.

⁶ Sublinhado nosso.

Também de salientar no trabalho de Pelletier (1994: 12) é o apelo que faz a diferentes noções do princípio da composicionalidade, atribuindo cada uma dessas noções a diferentes autores. Aqui se apresentam as diferentes ideias:

1. The only way to combine meanings is by function application.⁷
2. Meanings of complex symbols are systematically determined by their composition.⁸
3. By ‘compositionality’ we mean that the meaning of the whole is a systematic function of the meaning of its parts.⁹
4. ‘Compositionality’ is taken to mean that with any piece you can associate something such that, given a whole made of parts, there is a way of systematically deriving the ‘meaning’ of the whole from the ‘meanings’ of the parts.¹⁰

Frege (1892) não enuncia diretamente o princípio, mas é no seu ensaio *Über Sinn und Bedeutung* que o autor faz a distinção entre dois conceitos importantes para a compreensão da composicionalidade. Valentim traduz *Sinn* como “sentido” e *Bedeutung* como “referência” – no entanto, a palavra *Bedeutung* pode, também, ser traduzida como “significado”. Segundo esta autora, o princípio da composicionalidade encontra-se implícito nas considerações que Frege tece relativamente à *Bedeutung* (e não ao *Sinn*), falando da intersubstitucionalidade entre expressões com a mesma referência. Provando que a *Bedeutung* consiste no referente, podemos citar Frege, que nos diz o seguinte: “Wenn man in der gewöhnlichen Weise Worte gebraucht, so ist das, wovon man sprechen will, deren Bedeutung”¹¹. Ainda relevante em Frege (1892: 27) será a seguinte afirmação:

Die Bedeutung eines Eigennamens ist der Gegenstand selbst, den wir damit bezeichnen; die Vorstellung, welche wir dabei haben, ist ganz subjektiv; dazwischen liegt der Sinn, der zwar nicht mehr subjektiv wie die Vorstellung, aber doch auch nicht der Gegenstand selbst ist¹².

⁷ Esta ideia é atribuída, segundo Pelletier, a Richard Montague por Brian Smith (1988); Theo Janssen (1983) chama-lhe “a versão intuitiva do princípio da composicionalidade” (*the intuitive version of the The Principle*).

⁸ É a definição de “composicionalidade” dada por Haugeland (1985), ainda de acordo com Pelletier.

⁹ Retirado de Graeme Hirst (1987); este ponto e o ponto anterior são tidos como uma noção geral de composicionalidade.

¹⁰ Também por Brian Smith (1988).

¹¹ Tradução: Quando são usadas palavras no seu sentido habitual, aquilo de que se quer falar é, então, o seu significado.

¹² Tradução: O significado de um substantivo é o próprio objeto que com ele descrevemos; a ideia que temos do mesmo é subjetiva; no meio situa-se o sentido, que não é assim tão subjetivo quanto a ideia que temos do objeto, mas que também não representa o objeto em si.

Já segundo a análise de Nunberg, Sag & Wasow (1994; apud Nunes Ribeiro: 2008), existem dois tipos de EIs (“com base em princípios semânticos como a convencionalidade, a opacidade e a composicionalidade”). Estes são as “expressões combinadas idiomáticamente” – tidas como expressões composicionais – e os “sintagmas idiomáticos” – tidos como não composicionais. Uma das grandes observações feita por Nunes Ribeiro (2008) relativamente ao grau de composicionalidade das expressões é ilustrado, por exemplo, nos enunciados que o próprio nos fornece:

- (1) a. Maria armou um grande barraco na festa. (*armar um barraco*)
b. João quebrou definitivamente o gelo com uma piada. (*quebrar o gelo*)

O autor menciona a possibilidade da aplicação da voz passiva em expressões idiomáticas com um certo grau de composicionalidade, podendo usar as expressões supramencionadas da seguinte forma:

- (3) a. O barraco estava armado quando a Maria deu de cara com a Paula.
b. O gelo foi finalmente quebrado quando João contou uma piada.

Os exemplos destas EIs composicionais são confrontados com dois exemplos de EIs que não são composicionais, nas quais não se pode, portanto, usar a voz passiva:

- (2) a. Pedro bateu as botas ontem. (*bater as botas*)
b. Paula jogou a toalha depois do vexame. (*jogar a toalha*)

(4) a. *As botas foram batidas por Pedro ontem.
b. *A toalha estava jogada: no exame Paula soube que não tinha chance.

Mais à frente, já no seu estudo de caso, para comprovar se certas EIs podem ser consideradas composicionais ou não, este autor propõe-nos a análise de duas expressões relacionadas com *morrer*, usando as expressões *bater as botas* e *abotoar o paletó*. Como o autor nos diz, “*as botas* e *o paletó* não possuem propriedades sintáticas básicas de objetos diretos sintaticamente ativos: não podem ser pronominalizados nem apassivados”, dando-nos exemplos disso mesmo, como em:

- (10) a. ?? *As botas*, João bateu-as ontem à noite.
b. ?? Finalmente, *as botas* foram batidas pelo João.

Duarte (2009: 52), diz a respeito da tradução dos provérbios (que poderá ser aplicada igualmente à tradução das expressões idiomáticas), que “a tradução dos provérbios é um

assunto polêmico. É evidente que a mesma não se deve fazer à letra”; podemos relacionar esta nota diretamente com o princípio da composicionalidade semântica, no sentido em que, ao traduzirmos à letra (ou, como dito em francês, palavra a palavra), estaremos a analisar cada constituinte da expressão individualmente.

Também Rio-Torto refere (2012: 402):

On the contrary, we think that the semantic non compositionality characterizes idioms, many compounds as well as derivative words, so that it is not a feature that supports the distinction between nominal from phrasal compounds or idioms.

Por fim, é de extrema relevância falar dos critérios propostos para a percepção do grau de idiomaticidade ou composicionalidade de uma expressão (Ibidem). Os critérios são:

- (i) the degree of exposure to the word;
- (ii) the frequency of the lexical unit;
- (iii) the degree of transparency/opacity and the (non) regularity of word's internal structure;
- (iv) the pragmatic or cultural salience of what the word denotes;
- (v) the linguistic explicit competence of the speaker (native/non native).

1.2. A metáfora conceptual

A inclusão do conceito da metáfora conceptual no nosso estudo será fundamental para a compreensão das EIs, assim como para a procura de uma melhor solução tradutiva para as mesmas. Como será desenvolvido ao longo deste apartado, existem metáforas conceptuais subjacentes a muitas EIs, sem a compreensão das quais não conseguiremos atingir um nível perfeito de percepção de sentido e significado. A metáfora conceptual é um tópico já estudado por alguns teóricos de renome, nomeadamente os abordados neste apartado, que demonstram a importância da compreensão deste conceito para que se possa progredir no estudo das EIs e na busca do melhor equivalente em diferentes línguas. Será de reforçar que, para a compreensão da metáfora subjacente a uma determinada expressão, precisamos forçosamente de conhecer parte da cultura em que esta se insere, de modo a compreendermos a origem da metáfora e consequentemente da EI, assim como o significado que a mesma terá nessa cultura.

Dois dos nomes incontornáveis no campo dos estudos sobre a Metáfora são George Lakoff e Mark Johnson. Para este estudo, será revisto e analisado o seu livro *Metaphors*

we live by (1980), que poderá ser tido como a melhor referência teórica para nos ajudar a entender a noção de “metáfora conceptual”¹³.

Apesar de, neste trabalho, procurarmos uma definição da palavra “metáfora”, não é este o conceito no qual nos focaremos ao longo do mesmo; apenas será necessário definir o conceito de modo a que possamos compreender a ideia de “metáfora conceptual”, sendo este o conceito-chave para o estudo das EIs.

Será necessário, claramente, prestar atenção às ideias de “metáfora” e “conceptual” isoladamente, para que possamos construir um significado para “metáfora conceptual” como uma unidade apenas. Confrontemos, para começar, a definição de metáfora constante no Dicionário Priberam:

[Retórica] Substantivo feminino. Figura de retórica em que a significação habitual de uma palavra é substituída por outra, só aplicável por comparação subentendida (ex.: há uma metáfora no verso de Camões "amor é fogo que arde sem se ver")¹⁴.

Para Lakoff e Johnson (1980: 3) é esta mesma a definição que a maior parte das pessoas daria da metáfora: algo puramente retórico, que enriquece qualquer enunciado. No entanto, estes autores propõem uma definição que vais mais além, algo que nos diz que a metáfora “prevalece no nosso dia a dia, não apenas na língua, mas também no pensamento e nas ações”. Se confrontarmos o conceito de “conceptual” no Dicionário Priberam, encontramos a seguinte aceção:

Adjectivo de dois géneros

1. Onde se efectua a concepção.

2. Da concepção ou a ela relativo.

3. Relativo a conceito (ex.: *mudança conceptual*). = CONCEITUAL¹⁵

¹³ Para analisarmos as metáforas de que os autores nos falam, podemos basear-nos no artigo *The metaphorical structure of the human conceptual system*, uma versão simplificada de *Metaphors we live by*, juntamente com este último.

¹⁴ "metáfora", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/met%C3%A1fora> [consultado em 28-03-2016].

¹⁵ "conceptual", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/conceptual> [consultado em 28-03-2016]. Sublinhado meu – demonstra qual o significado pertinente para este estudo.

Será importante destacar que, como os autores esclarecem, ao longo deste artigo, a palavra “metáfora” (*metaphor*) deverá ser entendida num sentido um pouco mais vasto e ser interpretada como “conceito metafórico” (*metaphorical concept*).

Da investigação levada a cabo pelos autores e que suscitou enormes repercussões em diversas áreas científicas cuja bibliografia não podemos abranger aqui, vamos selecionar para o âmbito do nosso estudo três tipos de metáforas que nos permitirão já estabelecer a ligação desejada entre a metáfora e as expressões idiomáticas.

No que diz respeito às metáforas orientacionais, em *Metaphors we live by*, podemos dizer que estas são, de acordo com os autores, noções metafóricas que organizam um sistema inteiro de conceitos em função de outro. Muitos deles têm por base a noção de espaço, tal como podemos comprovar pelos exemplos seguintes:

Up-down; in-out; front-back [frente-trás → com a ideia de posterioridade e anterioridade]; **on-off; deep-shallow; central-peripheral**.

Para nos explicar estes diferentes conceitos metafóricos, Lakoff e Johnson propõem uma curta análise de diferentes relações metafóricas do tipo “cima-baixo”. Na primeira que nos é exposta, *Happy is up; sad is down* (“feliz” está para “cima”, assim como “triste” está para “baixo”), é-nos apresentada a expressão em inglês *I’m feeling up*¹⁶, que é, de facto, e como poderemos constatar no final deste estudo, uma expressão idiomática¹⁷. Já a expressão *You’re in high spirits* poderá corresponder à unidade “alto astral” ou às expressões “estás em baixo” e a antónima “põe-te para cima” em português.

Podemos ver em *The metaphorical structure of the human conceptual system* (1980) outro tipo de metáfora para o qual os autores nos alertam, sendo estas as metáforas ontológicas, explicadas da seguinte forma: “these involve the projection of entity or substance status on something that does not have that status inherently” (pág. 2). Aqui, são apresentados conceitos metafóricos como “a mente é um contentor” (*the mind is a container*, em

¹⁶ A palavra sublinhada surge em itálico no texto original; o sublinhado distinguirá as partes constituintes de uma expressão que demonstram a relação metafórica em análise.

¹⁷ Considerar-se-á uma expressão idiomática por não poder ser traduzida à letra e também por a relação “cima-baixo” não ser expressa em português através das próprias unidades lexicais “cima” e “baixo” (pelo menos, na maior parte dos casos).

inglês). O exemplo usado pelos autores descreve bastante bem a noção da mente como um contentor onde colocamos algo (ou no qual algo entra por si só), sendo este a expressão correspondente ao nosso “tirar alguma coisa da cabeça”, quando dizemos, pegando no exemplo de Lakoff e Johnson, “não consigo tirar a música da minha cabeça”.

Seguem-se as metáforas estruturais, que “envolvem a estruturação de uma experiência ou atividade em função de outra”. “Compreender é ver” (*understanding is seeing*) e “a vida é um jogo¹⁸” (*life is a gambling game*) são as duas metáforas apresentadas para ilustrar este conceito metafórico. A expressão “estou a ver” (*I see what you are saying*, em inglês, dada pelos autores), usada em português quando queremos mostrar que estamos a entender e a seguir a linha de raciocínio de outra pessoa, ilustra perfeitamente “compreender é ver”. Em português, a vida poderá ser realmente tida como um jogo, se analisarmos a expressão “ter uma carta na manga”, que se traduziria, possivelmente, em *have an ace upon one’s sleeve*, que é o exemplo que nos é transmitido neste artigo.

Muito mais poderia ser dito relativamente a este tópico, mas o entendimento destes três conceitos metafóricos é o essencial para que possamos prosseguir com o estudo das EIs.

Retomaremos esta questão sobre as metáforas conceptuais mais adiante no nosso estudo de caso, no qual iremos rever estes conceitos na análise de diferentes EIs.

1.3. A Unidade Fraseológica

Para dar início a este tópico, poderemos citar a definição de “fraseologia” que consta no *Diccionario de la Real Academia Española* (2001), que é a seguinte:

1. Conjunto de modos de expresión peculiares en una lengua, de un grupo, de una época, actividad o individuo.
2. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces.
3. Palabrería.
4. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo.

¹⁸ Note-se aqui que a palavra “jogo” se pode referir apenas a *game* ou a *gambling game*. Em português, a distinção entre os dois conceitos é feita pela análise dos elementos das expressões em que aparece a palavra “jogo”, assim como os elementos contextuais da situação em que esta surge; um *gambling game* será, em português, um “jogo de apostas”, como aqueles que se joga num casino – a pessoa que os joga denomina-se, em inglês, *gambler*.

5. Parte de la lingüística que estudia las frases, los refranes, los modismos, los proverbios y otras unidades de sintaxis total o parcialmente fija.¹⁹

É importante mencionar a “unidade fraseológica” (UF) na abordagem de Lopes. A autora (1992: 13) inicia um subcapítulo da sua tese, intitulado *Provérbio como unidade fraseológica*, com uma possível definição de “UF”, sendo esta:

Em todas as línguas há 'expressões fixas', sintagmas que funcionam como um bloco coeso, de extensão variável. Não são expressões formadas livremente no acto de fala, mas sim estruturas pré-construídas, combinações que o falante se limita a reproduzir como unidades compactas que integram a sua competência linguística.

Corpas Pastor (2001) reflete igualmente sobre a definição de UF, dizendo-nos que esta é uma “combinação estável de unidades lexicais formada por, pelo menos, duas palavras gráficas, cujo limite superior se situa ao nível da oração composta”. O estudo da autora será relevante no apartado 1.5., no qual abordaremos os automatismos linguísticos, dos quais a autora também trata.

Lopes apresenta-nos a UF como um grande compêndio de diferentes expressões, entre as quais podemos identificar as colocações, as locuções, os provérbios, as EIs, entre outros, tal como vemos, também, na definição supracitada, retirada de um dicionário.

Para entendermos em que consistem os frasemas, que podem ser enquadrados na família das UFs, podemos ver a definição de frasema que Lopes (1992) nos dá ao apresentar os três tipos de unidades fixas propostos por Coseriu, dizendo-nos que se trata de unidades “que só podem comutar com frases ou textos completos”, dando-nos o exemplo de *La nuit tous les chats sont gris*²⁰.

A propósito do conceito de “discurso repetido” proposto por Coseriu, Lopes diz-nos, no mesmo estudo, que esta designação aponta para uma das características do provérbio, seu objeto de estudo: o facto de este gozar de “estatuto de texto alheio”, ou seja, qualquer falante pode apropriar-se dele, sendo o seu autor anónimo. O mesmo poderemos dizer das EIs, pois estas farão parte da competência comunicativa de qualquer falante (nativo ou

¹⁹ Sublinhado nosso, para realçar as subcategorias existentes no grande compêndio que são as unidades fraseológicas.

²⁰ O equivalente a esta expressão, na língua portuguesa, poderá ser “À noite, todos os gatos são pardos”.

não nativo com elevado conhecimento extralinguístico, nomeadamente conhecimento da cultura de uma determinada comunidade onde uma certa língua é falada), podendo qualquer indivíduo proferir um enunciado que seja ou que envolva uma EI, espontânea e irrefletidamente, sem pensar, possivelmente, na questão “quem terá dito x?”.

Seguindo a linha de pensamento dos autores em estudo, abordaremos, então, o conceito de UF como um hiperónimo que engloba diversos tipos de expressões, nomeadamente as colocações, as locuções e as expressões idiomáticas em si. Passaremos agora à análise do conceito de “colocação”.

1.3.1. A colocação

O conceito de “colocação” será essencial para a compreensão das EIs e para a sua consequente tradução, até porque, ao longo deste estudo, iremos ver que alguns autores dividem as EIs em diferentes grupos, usando o termo “colocação” para descrever alguns deles.

Corpas Pastor (2001) afirma convictamente que as colocações são UFs e expõe quais os fatores que nos podem levar a esta conclusão. Antes de mais, as colocações são unidades polilexicais ou poliverbais (preenchendo, assim, o requisito de “serem formadas por, pelo menos, duas palavras gráficas”). De seguida, a autora menciona o critério da frequência, isto é, o número elevado de ocorrências dessas unidades em simultâneo. O terceiro critério que define as colocações como UFs é a institucionalização, que está subjacente às colocações, mas também a todas as UFs, querendo isto dizer que as colocações são facilmente reconhecidas como uma só unidade por qualquer falante nativo de uma língua, podendo ser consideradas parte de uma espécie de repositório lexical da mesma.

Vašíčková (2009: 14), na sua dissertação de mestrado sobre as colocações, mais concretamente no subapartado *As colocações na tradução*, considera diretamente as colocações como um problema à produção textual em língua estrangeira. Algo interessante que a autora nos diz é que “no caso dos textos técnicos, as colocações frequentemente são iguais à terminologia”.

Halliday (2014: 648) dá-nos a seguinte definição de colocação:

“instances of lexical cohesion that do not depend on any general semantic relationship of the types just discussed, but rather on a particular association between the items in question – a tendency to co-occur. This ‘co-occurrence tendency’ is known as collocation.”²¹.

Halliday (2014: 59) introduz, em anexo ao conceito de “colocação”, o conceito de *node* e *span*. Resumidamente, o conceito de “colocação” traduz a probabilidade de co-ocorrência de duas palavras (ou mais). O *node* corresponderá à(s) outra(s) palavra(s) que ocorre(m) com a primeira palavra em análise, sendo o *span* o correspondente ao limite que circunda esta última – será de frisar que a pesquisa destas palavras é feita dentro de um determinado corpus. Para que possamos entender melhor: o *span* é medido em número de palavras – um *span* de ‘ ± 4 ’ indica-nos que estamos a pesquisar uma palavra (aqui designada por *x*) e as quatro palavras imediatamente antes de *x* e as quatro imediatamente depois de *x*.

Algo que afetou positivamente o estudo das colocações foi o surgimento da Linguística de corpus. A Linguística de corpus permite que seja analisado um número bastante elevado de textos, normalmente organizados por tema, organização essa que nos ajuda, mais tarde, a poder encontrar as colocações que procuramos. Sinclair (1987; cit. in Vašíčková, 2009: 25), após ter realizado o seu projeto COBUILD, graças ao qual pôde analisar um corpus composto por 20 milhões de palavras em inglês, encontrou uma relação entre o significado e a estrutura. Segundo Sinclair, “significados diferentes dum item foram frequentemente seguidos por configurações estruturais preferidas”, o que corresponde à definição de colocação dada por outros autores, nomeadamente no que diz respeito às “configurações estruturais preferidas” de que nos fala, i. e., uma palavra será, à partida, aplicada em função daquela que lhe surge imediatamente antes.

Sinclair estabelece dois princípios organizadores da língua, sendo eles o princípio da livre escolha (*the open choice principle*) e o princípio da idiomaticidade (*the idiom principle*; traduzido pela autora como sendo o “princípio idiomático”), sendo este último aquele que nos interessa, dado que a colocação, para Sinclair, traduz este mesmo princípio.

²¹ Texto original: (a negrito por se encontrar já a itálico no texto original)

Vašíčková cita ainda Sinclair para nos dar a definição de colocação, sendo ela a seguinte: “Collocation is the occurrence of two or more words within a short space of each other in a text” (1991: 170) – aqui, para compreendermos a noção de “espaço”, poderemos, aplicar o conceito de *span* utilizado por Halliday para descrever o alcance de procura das palavras tendo em conta a palavra central que pode encabeçar a colocação; é também importante mencionar que Sinclair apenas fala de coocorrência lexical.

Uma definição bastante interessante do termo “colocação” é-nos dada por Palmer (1938: x; apud Bartsch: 2004), que nos diz que se trata de uma “sucessão de duas ou mais palavras que devem ser apreendidas e aprendidas como se se tratasse de uma só”²².

Após todas estas observações relativas às colocações, poderemos ensaiar uma definição deste mesmo conceito, dizendo que se considera uma colocação um determinado grupo de palavras (dentro de um *span* que poderá ir de ‘±1’ a ‘±4’, como proposto por teóricos como Sinclair e Halliday) que apresentam uma elevada tendência de co-ocorrência. Deveremos ter em conta, no entanto, que tal tendência de coocorrência apenas pode ser avaliada dentro de um determinado corpus, o que significa que a ideia de colocação, assim como as colocações em si, poderá mudar de corpus para corpus, não existindo um padrão que defina de forma exclusiva quais serão as colocações que poderemos encontrar numa determinada língua. Este é um dos aspetos diferenciadores entre os conceitos de EI e de colocação, já que, em princípio, o estatuto de EI é relativamente independente dos corpora em que a mesma ocorra, podendo apenas dar-se o caso, disponível apenas para algumas EI’s, de que a leitura literal, composicional da fórmula fique disponível a par de uma leitura idiomática da mesma. Veja-se o caso do slogan da Brisa autoestradas, que brinca com esta dupla possibilidade de leitura que um mesmo grupo de palavras possibilita:

Os portugueses estão sempre a passar por cima do nosso trabalho. (Brisa Autoestradas)

O grupo de palavras “passar por cima” pode ser interpretado literalmente, atendendo a que o título publicitário se refere ao objeto ‘autoestradas’, por cima do qual os carros

²² Texto original: *a succession of two or more words that may best be learnt as if it were a single word.*

circulam; ou, então, pode ainda ser interpretado como expressão idiomática com um sentido não composicional que significa “menosprezar”, “não prestar a atenção devida”²³.

A definição de “unidade fraseológica” apresentada parece complementar à definição de colocação trazida por Sinclair, Halliday e Palmer, mas deveremos sempre ter em conta que, até aqui, no presente estudo, apenas Sinclair definiu a colocação como algo que se limita a um determinado corpus. Todos estes autores falam da tendência de co-ocorrência de determinadas palavras. Podemos analisar esta co-ocorrência a vários níveis, para explicar o que será, de facto, uma colocação. A título de exemplo, poderíamos procurar num corpus sobre praticamente qualquer assunto e encontrar o adjetivo “relativo. Após verificarmos quantas vezes aparece este adjetivo dentro do corpus, poderíamos procurar, num *span* de ± 1 , quais as palavras adjacentes a “relativo”. Seria normal encontrarmos a expressão “relativo a [alguém; alguma coisa]”; esta expressão é, sem dúvida, uma expressão fixa do português, podendo ser tomada como uma UF à luz das palavras de Lopes, tendo em atenção que aqui não falamos de coocorrência lexical, dado que a colocação em causa é constituída por uma palavra lexical e uma palavra funcional. O próximo passo será analisar o significado de “relativo a” e verificar (dentro ou fora do corpus, com recurso a diferentes ferramentas de trabalho) se a palavra “relativo” poderá, ou não, ser seguida de outra preposição que não “a”. Ao fazermos esta pesquisa, veremos que o adjetivo “relativo”, quando seguido da preposição “a”, adquire um significado próprio, distante do significado que a palavra adquire quando isolada. Podemos, assim, confrontar os seguintes enunciados:

1. O recibo é relativo às contas do final do mês.
2. Tu dizes que x, mas isso é relativo.

Em 1., temos “relativo a”, em que o adjetivo “relativo” deve o seu significado de “relacionado com / em relação a / ter que ver com” à preposição que o segue, ou seja, “a”. Já em 2., temos outro dos significados possíveis para este adjetivo, que se prende com a

²³ Confronte-se o que diz a este respeito Pinto (1997: 117 e 118) em casos como estes que apelida de “literalizações de fórmulas fixas”

aceção de “depende de [neste caso, da opinião de cada um ou de fatores que influenciem o que foi dito anteriormente]”.

Tendo em conta os exemplos dados, poderemos então considerar que “relativo a” é uma UF, como proposto por Lopes (1992), e de uma colocação, como proposto por Halliday, Sinclair e Palmer, prestando especial atenção à definição de Palmer, na qual o autor nos diz, como supramencionado, que as colocações “devem ser apreendidas e aprendidas como se se tratasse de uma só palavra”, dado que a regência preposicional (de adjetivos, verbos, etc) é um dos temas mais complicados do compêndio gramatical de cada língua (não só quando se trata de uma língua estrangeira, pois também falantes nativos poderão, a qualquer momento, mostrar alguma hesitação ou dúvida na hora de aplicar a preposição correta) – um tópico da gramática inglesa bastante conhecido por esta particularidade são os famosos *phrasal verbs*. A menção dos *phrasal verbs* neste estudo é imprescindível, não só por serem UFs que, em inglês, são tidas como colocações, constituídas por um verbo e uma ou mais preposições (*look after* com apenas uma preposição e *look up to* com duas preposições, por exemplo), mas também pela tradução do conceito que é algo bastante difícil de conseguir em português. A palavra *phrasal* vem diretamente da palavra *phrase* que, em português, ao contrário do que parece, não quer dizer “frase”, mas sim “sintagma”. No entanto, a expressão *phrasal verbs* poderá ser traduzida por “verbos preposicionais/adverbiais”. Ainda assim, melhor solução para a tradução da expressão *phrasal verbs* será, em princípio, optar pela explicação do conceito e tentar estabelecer correspondências entre alguns dos verbos desta categoria na língua de chegada. Assim, *phrasal verbs* serão verbos acompanhados de preposição ou advérbio que terão de ser apreendidos e interpretados (e, em alguns casos, traduzidos) como uma só unidade, não podendo o seu significado ser apreendido pela análise das partes constituintes, partilhando, assim, uma grande quantidade de características com o objeto do presente estudo – as EIs.²⁴

²⁴ No entanto, no presente estudo não serão abordados os *phrasal verbs* nem a hipótese de estes poderem ser considerados idiomatismos.

Uma definição de “colocação” que parece do mesmo modo pertinente neste estudo é a que nos é oferecida por Duarte (2009: 51), ao dizer o seguinte:

Les collocations sont une séquence de mots qui ont une forte probabilité d’apparaître ensemble. Elles relèvent d’une combinatoire syntagmatique ayant une syntaxe plus libre que les proverbes et les unités phraséologiques et permettent que l’on comprenne leur sens d’après les informations lexicales de leurs composants, alors que dans les expressions idiomatiques et les proverbes on ne réussit pas toujours à comprendre le sens à partir de celui des éléments qui les composent.

Tudo isto faz com que possamos dizer que os significados de “colocação” e de “UF” são bastante próximos, podendo-se estabelecer uma relação entre estes conceitos, sendo o primeiro considerado um hipónimo do segundo. Além disso, poderemos argumentar que, tratando estes conceitos independentemente, uma colocação é uma UF, se tivermos em conta a definição de “UF” dada por Lopes (1992) e a definição de “colocação” dada por Sinclair, no que diz respeito à tendência de co-ocorrência das palavras – isto porque uma colocação é constituída por duas ou mais palavras que revelam uma certa tendência para coocorrer. Cumprindo as relações lógico-semânticas próprias da hiperonímia, já uma UF não será necessariamente uma colocação, a medida em que existem outras espécies de UF’s para além das colocações.

1.3.2. A locução

Outro grupo de expressões que poderemos integrar no hiperónimo que é a “UF” são as locuções. A definição de “locução” surge bastante clara num dos livros de Guiraud (1973). Para o autor, “uma *locução* é «uma forma de falar»; ou ainda «uma expressão constituída pela união de várias palavras acabando por formar uma unidade sintática e lexical»”. Além desta definição, o autor apresenta-nos três critérios a ter em consideração na altura de classificar uma UF ou expressão fixa como locução. Primeiramente, a locução é, “uma unidade de forma e sentido”, pelo que podemos considerar que a estrutura da mesma não poderá ser decomposta²⁵, ou então não poderemos depreender o seu significado. Em segundo lugar, “a locução afasta-se da norma gramatical e lexical”. O terceiro ponto pode ser visto não propriamente como um critério, mas sim como uma característica essencial das locuções, recaindo sobre o sentido da locução, dizendo o autor

²⁵ Vd. Princípio da composicionalidade semântica.

a este propósito que “grande parte das locuções é apreendida com um sentido metafórico”. É certo que Guiraud afirma que não deveremos decompor uma locução, caso contrário não a poderemos entender. No entanto, algumas locuções, ainda que poucas, poderão, de facto, ser decompostas sem que o seu sentido se perca, como “fim de semana”. Poderemos, é certo, contrapor “fim de semana” a, por exemplo, “casa de banho”: uma casa de banho não é, obviamente, uma casa em si, pelo que “casa de banho” recai um pouco já sobre o domínio da idiomaticidade, tal como as EIs. No entanto, na nossa opinião, poderemos afirmar que muito mais provável será ser possível decompor uma locução e obter o seu sentido pleno, do que fazer exatamente o mesmo com uma EI, que tem sempre uma metáfora subjacente, encontrando-se, muitas vezes, cristalizada na linguagem comum. Aqui encontramos outra diferença entre as locuções e as EIs: uma locução poderá encontrar-se vulgarmente dicionarizada, constituindo parte do léxico de uma língua, enquanto que não poderemos assumir que uma EI esteja garantidamente dicionarizada, a não ser num dicionário de expressões idiomáticas, no qual cada EI deverá ter o seu significado e, provavelmente, uma frase que nos exemplifique o uso da mesma.

É possível distinguir das vulgares locuções idiomáticas os provérbios, que “têm sempre um valor semântico autónomo em termos comunicativos”, ocorrendo, assim, “como enunciados completos” no ato discursivo, ao contrário das locuções, revelando “uma certa rigidez de estrutura e um funcionamento semântico que escapa muitas vezes aos princípios de uma semântica composicional” (Lopes: 1992). Apesar da inclusão do provérbio no ramo das UF's, Lopes diz explicitamente que um provérbio não tem de ser idiomático para ser considerado um provérbio (ibidem: 22). O objeto principal do nosso estudo serão as EIs, pelo que, na secção do estudo de caso, apenas surgirão provérbios se em algum deles se verificar um grau de idiomaticidade que justifique a sua abordagem. Apesar disso, este partilha algumas características com as EIs, nomeadamente a de que a compreensão do provérbio não depende “exclusivamente da competência linguística do falante” (ibidem: 34).

Como fica claro, a partir desta breve revisão que executamos de autores de referência na área das Unidades Fraseológicas nas línguas, as tipologias propostas diferem de autor para autor e as delimitações dos vários tipos de UF's não são consensuais.

Afigura-se-nos como relativamente consensual que existe uma relação hierárquica entre estas diversas entradas que coloca no topo da hierarquia as Unidades fraseológicas ou UFs. A partir desta categoria, várias possibilidades de arrumação são possíveis, sendo altamente instável a forma como cada autor define e delimita as outras categorias subordinadas.

Para efeitos deste estudo, referimos como categorias possíveis desta classificação as seguintes unidades fraseológicas:

- EIs;
- Colocações;
- Locuções;
- Automatismos linguísticos;
- *Phrasal verbs*;
- Ditados;
- Provérbios.

Tentámos, com a ajuda de diversos autores, uma delimitação entre os vários conceitos. Temos, no entanto, consciência de que alcançar uma síntese de todas as abordagens é uma tarefa árdua devido à dificuldade de traçar fronteiras entre algumas destas classes de unidades.

1.3.3. A expressão idiomática – definições, características e tipos de EI²⁶

Antes de partirmos para definições ensaiadas por diferentes teóricos, também podemos analisar algumas definições de “EI” ou “idiomatismo” que nos são dadas por dicionários. Atentemos, primeiro, na definição de *idiom* proposta na 3ª edição do *The penguin English dictionary*:

Idiom /'idi:əm/ **noun** **1** an expression that has become established in a language and that has a meaning that cannot be derived from the meanings of its individual elements, e.g. *have bats in one's belfry* meaning to be mad or eccentric. 2a the language peculiar to a people or to a district, community, or class. b the syntactic, grammatical, or structural form peculiar to a language. 3 a characteristic style or form of artistic expression: *the modern jazz idiom*.²⁷

²⁶ Apenas para efeitos de definição, teremos o termo “idiomatismo” como sinónimo aproximado de EI.

²⁷ Sublinhado nosso, para realçar a definição pertinente neste estudo.

Além desta definição, podemos também contemplar a definição proposta no *Oxford advanced learner's dictionary*:

Idiom /'Idiəm/ noun **1** [C] a group of words whose meaning is different from the meanings of the individual words: '*Let the cat out of the bag*' is an idiom meaning to tell a secret by mistake. → note at **WORD 2** [U, C] (formal) the kind of language and grammar used by particular people at a particular time or place **3** [U, C] (formal) the style of writing, music, art, etc. that is typical of a particular person, group, period or place: the *classical/contemporary/popular idiom*.²⁸

Por fim, para terminarmos a análise das definições em dicionários monolíngues, podemos ver a definição de *Idiom* no dicionário *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache* da editora Langenscheidt:

Idiom *das; -s, -e; LING 1.* die Sprache, die für Personen e-r bestimmten Region, (Berufs)-Gruppe od. Sozialen Schicht charakteristisch ist **2.** ein sprachlicher Ausdruck (aus mehreren Wörtern), dessen Bedeutung man nicht aus den Bedeutungen seiner Bestandteile ableiten kann (wie z.B. *j-m durch die Lappen gehen*) || zu **2. idiomatisch** Adj.²⁹

A expressão idiomática, objeto principal deste estudo, é algo bastante difícil de definir, dado que não existe consenso entre diversos autores relativamente às características que definem as EIs. Aqui, analisaremos diferentes definições e características, assim como diversas classificações ou subdivisões que diferentes teóricos atribuem às EIs.

Adelnia e Dastjerdi (2011) definem as EIs como “expressões linguísticas ou itens lexicais que representam objetos, conceitos ou fenómenos da vida específicos de cada língua. São necessárias a qualquer língua para manter a identidade local e cultural da mesma” (ibidem: 879). Mais adiante no seu estudo, mencionam a impossibilidade de as EIs serem traduzidas literalmente, precisamente decorrente do facto de serem itens que veiculam um conteúdo cultural evidente e por se basearem, muitas vezes, em metáforas

“Les expressions idiomatiques (...) cristallisent une expérience, un fait historique ou un événement marquant dont l’origine est souvent oubliée” – é esta uma das ideias veiculadas por Klett (2013: 60), que nos diz que as EIs representam unidades não composicionais, formadas por uma combinação de palavras “específica, fixa e imutável”. Ademais, Klett reconhece o conteúdo cultural que cada EI acarreta, conteúdo que motiva

²⁸ Sublinhado nosso, para realçar a definição pertinente neste estudo.

²⁹ Sublinhado nosso, para realçar a definição pertinente neste estudo.

que estas expressões não pareçam expressões corretas aos olhos de um estrangeiro. Com efeito, este último, caso não conheça a cultura na qual a expressão existe, não poderá compreendê-la.

Já Kavka e Zybert (2004: 54), defendem a ideia de que as EIs ou idiomas são verdadeiros monumentos da história: “although sometimes ungrammatical and illogic, idioms are, indeed, ‘mental monuments of history’ and ‘sources of language change’”. Para esclarecer tal afirmação, poderíamos, em primeiro lugar, usar as palavras de Klett (2013:60), que nos diz, tal como supramencionado, que a origem das EIs é muitas vezes esquecida, o que nos revela que estas se encontram presentes numa dada língua ou cultura desde há tempos imemoriais. Em relação a serem *sources of language change*, foram já explorados argumentos a favor desta constatação, como é o caso de as EIs desafiarem o princípio da composicionalidade, atribuindo, assim, conforme o contexto, novos significados a diferentes palavras, o que joga, de facto, a favor da mudança e da evolução linguísticas.

Murar (2009) reconhece que todas as línguas possuem um grande número de “unidades pré-fabricadas, chamadas ‘unidades multi-palavra’³⁰, ‘unidades fraseológicas’ ou ‘expressões fixas’”³¹ (ibidem: 146). Um dos grupos das unidades “multi-palavra” é formado precisamente pelas expressões idiomáticas, “que constituem uma categoria especial de itens lexicais que apresentam uma estrutura fixa, uma maior rigidez (representada por estruturas pré-fabricadas que raramente variam), complexidade estrutural, assim como um comportamento específico na língua”³².

Ortweiler (1988: 43) é da opinião de que “há instâncias em que o aspecto arbitrário ou convencional é a combinação de seus elementos, como no caso de ‘cara e coragem’ e não ‘rosto e coragem’. Também o significado pode ser convencionalizado”, ou seja, o autor admite que os idiomatismos são não composicionais, além de veicular a ideia de que o

³⁰ Traduzido literalmente de *multi-word*.

³¹ Texto original: *prefabricated units, called multi-word units, phraseological units, or fixed expressions*.

³² Texto original: *which constitute a special category of lexical items presenting a fixed structure, a greater rigidity (represented by ready-made structures with small range for variability), structural complexity, as well as a specific behaviour in language use*.

significado dos mesmos é convencionalizado, pelo que os constituintes principais dos idiomatismos não podem simplesmente ser substituídos por um sinónimo.

Ainda no mesmo artigo, Ortweiler menciona dois tipos de expressões, aquelas que “são semanticamente transparentes e as que não o são”. Às que são semanticamente transparentes, é dado o nome de “expressões convencionais”, sendo as não transparentes consideradas “expressões idiomáticas”. A autora ensaia uma definição do conceito, quando diz que estas expressões “não podem ser descodificadas literalmente, ou seja, têm significado convencionalizado, não resultando da somatória do significado de seus elementos”, reiterando aquilo que acima foi dito: as EIs são expressões convencionalizadas, fixas, cristalizadas numa determinada cultura e são enunciados tidos como não composicionais. Ortweiler alerta, contudo, para a remota possibilidade de uma EI poder ser usada com um significado literal em contextos específicos. Por exemplo, quando dizemos, em Portugal, que alguém “leva uma tampa”, estamos a dizer que alguém é, por assim dizer, “rejeitado”, ou que “alguém estragou os seus planos”; no entanto, poderia eventualmente surgir, numa conversa do dia a dia, a expressão “eu levei uma tampa”, em que “tampa” assumisse o significado literal que lhe compete, se a linha de discurso fosse algo como “ontem havia muita gente em casa, por isso era preciso cozinhar bastante; a minha mãe, para ajudar, levou uma panela e eu levei uma tampa” – aqui o sentido da expressão não é o de “alguém que é rejeitado”, estando, em vez disso, a significar simplesmente que, num determinado momento, uma pessoa trazia consigo uma tampa, que seria o complemento da panela.

Existem três soluções tradutivas que a autora nos apresenta, que serão igualmente referidas nesta secção, sendo abordadas de novo na secção “estudos da tradução”. Para a autora, é possível empregar as seguintes estratégias de tradução:(ibidem: 51-52):

- a. a tradução literal sempre que o referente nas duas culturas for o mesmo;
- b. a explicitação quando não existir na cultura de chegada o referente³³ do texto original;
- c. um equivalente pragmático quando não existir na cultura da língua de chegada o referente da língua de partida, mas existir sua função e essa for exercida por outro referente.

³³ A noção de “referente” será também vista mais adiante.

Rodrigues *et al.* dão-nos uma definição de “idiomatismo”, segundo a qual o termo é usado para caracterizar “unidades lexicais, rígidas e estáveis, formadas, pelo menos, por duas palavras, reproduzidas como um todo” (2003: 155). Ademais, são enunciadas algumas características destas unidades, a saber: “o significado desse todo não corresponde (completamente) à soma dos significados simples dos seus componentes”. Este “completamente”, apesar de se encontrar entre parêntesis, poderá até ser importante para esta definição, dado que alguns elementos das EIs podem ser vistos como elementos “menos relevantes” (por exemplo, preposições que surjam no enunciado), que assumirão sempre o seu significado, já que, normalmente, as palavras que adquirem um novo sentido numa expressão idiomática são nomes, verbos e adjetivos (portanto, classes abertas).

Também Xatara *et al.* (2001) têm o conceito de “idiomatismo” como sinónimo de “EI”, dando-nos a seguinte definição: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (*ibidem*: 154). Além desta definição, fornecem igualmente algumas características distintivas destas expressões, sendo elas as seguintes:

A indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado estável).

Por fim, é digno de menção o reparo que fazem na secção *Nos dicionários bilingües gerais*, em que nos dizem que, ao traduzir uma EI, “não nos devemos contentar com uma paráfrase da expressão”, defendendo, em vez disso, a procura de uma expressão equivalente, tendo em conta o seu significado conotativo.

Murar (2009) reflete sobre os diferentes tipos de EI. A autora distingue dois grandes grupos, sendo estes as “combinações abertas” e as “combinações restritas”, dividindo-se o último em “idiomatismos”³⁴ e “colocações” (*ibidem*: 147). As combinações abertas são vistas como “produtivas e composicionais”; já os idiomatismos são vistos como uma “exceção”, pois são expressões que não são produtivas nem composicionais; quanto às

³⁴ *Idioms* no original em inglês.

colocações, as mesmas são “muitas vezes descritas como combinações habituais de palavras”.

Adelnia e Dastjerdi (2011) propõem também uma classificação das EIs, dividindo-as em cinco grupos, sendo estes “coloquialismos, provérbios, calão, alusões e *phrasal verbs*”. Cada um destes grupos é acompanhado por uma pequena definição, que podemos passar a citar, de modo a compreendermos melhor do que se trata cada um destes grupos:

A. *Colloquialism*: colloquialism is an expression not used in formal speech or writing. Colloquialism or colloquial language is considered to be characteristic of or only appropriate for casual, ordinary, familiar, or informal conversation rather than formal speech or writing. They are used in daily conversations;

B. *Proverbs*: Proverb is a simple way of speaking. It is used the time when we want to make our speech more concrete and more understandable;

C. *Slang*: Slang is the use of highly informal words and expressions that are not considered as the standard use of language. It is often used as a way to say words that are not appropriate or somehow taboo;

D. *Allusions*: Allusion is a figure of speech that makes a reference to a place, event, literary work, myth, or work of art, either directly or by implication;

E. *Phrasal verbs*: Phrasal verb is the combination of a verb and a preposition, a verb and an adverb, or a verb with both an adverb and a preposition. A phrasal verb often has a meaning which is different from the original verb.

Lopes, no estudo já citado, (1992) vê o provérbio como UF. Ora, este estudo direciona-nos para a ideia de que as unidades fraseológicas possuem sempre um determinado grau de idiomaticidade ou não composicionalidade, o que faz com que possamos dizer, de facto, que os provérbios são uma espécie de EIs, com uma estrutura própria, fixa.

É importante analisarmos também o ponto de vista de Ortweiler (1988: 43) no que diz respeito a uma classe de EIs sobre a qual a autora nos elucida, sendo esta constituída pelos “*idiomatismos culturais*”³⁵, para cuja tradução propõe seis estratégias possíveis, que serão aqui mencionadas e poderão ser exploradas mais adiante:

1. manter a expressão na forma original;
2. manter a expressão na forma original acrescida de nota explicativa;
3. traduzir literalmente;
4. traduzir literalmente, acrescentando nota explicativa;
5. explicitar a expressão no texto;
6. empregar um equivalente pragmático.

³⁵ “São idiomatismos exatamente por não poderem ser decodificados literalmente e são culturais por transmitirem um dado cultural”, segundo palavras de Ortweiler.

Como já vimos no início, ao tratarmos da idiomaticidade e da composicionalidade, Nunes Ribeiro distingue dois tipos de EIs, baseando-se no trabalho de Nunberg, Sag e Wasow (1994, apud Nunes Ribeiro) nomeadamente “expressões combinadas idiomaticamente (*idiomatically combining expressions*)” – composicionais – e “sintagmas idiomáticos (*idiomatic phrases*)” – não composicionais (Nunes Ribeiro, 2008: 2). Esta divisão é feita tendo por base os seguintes critérios: a convencionalidade, a opacidade e a composicionalidade.

Concluímos, por esta breve revisão executada a autores que refletem sobre as EIs em particular, que num aspeto mais genérico todos estão de acordo, que é o facto de as EIs não responderem ao princípio da composicionalidade, pondo, antes, em marcha o princípio da idiomaticidade, facto que é tão relevante na definição deste material que as palavras “idiomático”, “idiomatismo”, “idioma” ficam coladas à designação da classe. A partir desta consideração genérica, os autores partem em direções diversas que significam, por vezes, estabelecer subclasses dentro desta grande classe, transformando as EI’s num hiperónimo e multiplicando os níveis hierárquicos de arrumação deste material das Unidades Fraseológicas. O caso extremo, de entre os que revimos, é a proposta de Adelnia e Dastjerdi (2011) que propõem uma classificação das EIs, dividindo-as em cinco grupos, sendo estes “coloquialismos, provérbios, calão, alusões e *phrasal verbs*”.

Temos assim uma multiplicidade de abordagens que não se excluem necessariamente e que partilham muitos pontos em comum, mas que segmentam esta área do saber de forma diferenciada.

1.4. Os automatismos linguísticos

Corpas Pastor (1997) dá-nos a sua definição de “fórmula de rotina”³⁶, que consiste numa “UF de discurso, com carácter de enunciado, que se distingue das parémias por carecer de

³⁶ Traduzido literalmente do espanhol *fórmula de rutina*.

autonomia textual, já que o seu surgimento é mais ou menos determinado por situações comunicativas previstas”.

Corpas Pastor (1998: 182-183; apud Salinas, 2014: 24) distingue diferentes tipos de fórmulas de rotina, podendo estas ser expressivas (desculpa, consentimento), compromissivas (promessa e ameaça), diretivas, assertivas (emocionais, por exemplo) e rituais (cumprimento, despedida). Para ilustrar melhor a situação, citaremos abaixo os conceitos empregues pela autora:

Expresivas: de disculpa, consentimiento, recusación, agradecimiento, réplica, solidaridad, insolidaridad, como el binomio literal You live & learn.

Comisivas de promesa y amenaza (cross my heart [and hope to die]).

Directivas, que implican al receptor en un hecho futuro: *de exhortación, información, ánimo*.

Asertivas, aquellas en las que los hablantes transmiten información que declaran verdadera: *de aseveración, emocionales*.

Rituales: de saludo, despedida.

Miscelánea, donde Corpas Pastor incluye todas aquellas secuencias para las que no existe verbo performativo que traduzca su fuerza ilocucionaria.³⁷

Sobre os automatismos linguísticos podemos dizer que estes cumprem uma função pragmática bastante específica, como nos é transmitido em *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone*, de Fillmore *et al* (1988), mais especificamente no ponto 1.1.4., intitulado *Idioms with and without pragmatic point* (idiomatismos com e sem propósito pragmático específico). Aqui, são abordadas duas expressões, *good morning* e *how do you do?* (“bom dia” e “como está(s)?”, respetivamente). São vistas pelos autores como “idiomatismos [que] têm um objetivo pragmático óbvio a eles subjacente”³⁸ (1988: 506), daí poderem ser considerados automatismos linguísticos, também conhecidos como “rotinas verbais”.

O objetivo comunicativo que o enunciador pretende atingir com estas expressões é claro. Pegando na primeira expressão, “bom dia”, pode dizer-se que é convencional para qualquer falante do português que se trata de uma saudação, estando implícito, para um falante nativo, que esta expressão se usa de manhã. No entanto, é bem possível que, numa

³⁷ Estamos conscientes de que a autora faz uma arrumação pragmática das fórmulas de rotina que se afasta em alguns pontos das Teorias Clássicas da Pragmática e dos Atos de Fala, pelo que optamos por transcrever a tipologia original da autora.

³⁸ Texto original: *substantive idioms have obvious associated pragmatic practices*.

conversa, surja, numa despedida, a frase “tenha um bom dia”. Nesse caso, o emprego do modo conjuntivo (ou do imperativo) indica que a palavra “dia” já não assume o carácter de “manhã”, mas sim o seu significado potencial, que pode ser tido como “espaço de tempo correspondente a 24h”. Podemos contrapor alguns automatismos do português, do inglês e do alemão para demonstrar a importância dos mesmos quando estudamos a tradução de rotinas linguísticas, assim como a hipótese de estas poderem ser consideradas EIs. Observemos a seguinte tabela:

Português	Inglês	Alemão
1. Bom dia!	Good morning!	Guten Morgen!
2. Boa tarde!	Good afternoon!	Guten Tag!
3. Boa noite!	Good evening!	Guten Abend!
4. Boa noite!	Good night!*	Gute Nacht!*

Tabela 1

Estas expressões serão dignas de análise, dado terem diferentes funções e aplicações nas diferentes línguas. Possuem uma característica em comum, começando todas com o adjetivo bom/boa. No entanto, apresentam também diversas diferenças, que iremos expor agora no nosso estudo.

No exemplo 1., temos “bom dia” em português, que podemos opor a *good morning* e *guten Morgen* devido ao segundo elemento que os constitui. A estrutura do enunciado em português foi já explicada – a palavra “dia” adquire um novo significado, neste caso; em inglês e alemão, é usada a palavra que, em cada uma dessas línguas, pode ser traduzida em português como “manhã”. Por exemplo, em inglês, se dissermos *in the morning*, estaremos a dizer “de manhã”; no entanto, em *good morning*, não estaremos propriamente a saudar alguém com “boa manhã” (pelo menos não no sistema conceptual da nossa cultura). O mesmo se aplica exatamente à expressão alemã *guten Morgen*.

Já o exemplo 2. é um pouco diferente. Enquanto que, em português, temos “boa tarde”, tal como em inglês temos *good afternoon*³⁹, em alemão temos *guten Tag*. A surpresa, aqui, reside no segundo elemento da expressão alemã, *Tag*, que significa comumente

³⁹ A própria palavra será tida em conta como a tradução de “tarde”, tendo-se em conta que *afternoon* se trata de um composto de *after* (“depois”) e *noon* (“meio-dia”), transmitindo a ideia literal de “depois do meio-dia”.

“dia”. O uso da expressão “boa tarde” é transparentemente paralelo ao uso de *good afternoon*, dado que, em Portugal, falamos de “tarde” precisamente a partir do meio-dia, ideia que é transmitida pelo conceito *afternoon*.

Os números 3. e 4. podem ser analisados em conjunto, dado tratarem de conceitos que, em português, apenas têm um enunciado que lhes corresponde. Os conceitos *evening* em inglês e *Abend* em alemão transmitem, nestes automatismos, a ideia de “final de tarde/início de noite”, assim como a noção de “noite” por si só, podendo ser traduzidos em português como “boa noite”. Porém, existe algo que os distingue dos conceitos *night* e *Nacht*, no exemplo 4. – os enunciados deste último exemplo são usados exclusivamente numa despedida; por exemplo, quando nos despedimos de alguém e existe a ideia de que pelo menos um dos enunciadores vai dormir, usamos *good night* e *gute Nacht*. Apesar desta especificidade, os conceitos *night* e *Nacht* são os correspondentes a “noite”, se os analisarmos descontextualizadamente, fora dos automatismos linguísticos que integram e que analisámos acima.

No final deste estudo esperamos poder afirmar com clareza se estes automatismos poderão ser tratados como expressões idiomáticas, ou se pertencerão a outra classe de unidades discursivas.

1.5. Significado potencial vs significado contextual

De notória importância para a nossa delimitação dos conceitos em análise será a diferença entre o significado potencial e o significado contextual que uma palavra ou expressão pode exibir.

Enquadraremos esta questão na problemática desenvolvida na nossa tese do estudo das EI's, a sua delimitação e questões relativas à sua tradução. Cientes da complexidade que esta distinção tem nas várias áreas dos Estudos Linguísticos, traremos a mesma para a

nossa reflexão pelo facto de ela se revelar importante na forma como as EI's geram o sentido e na forma como são interpretadas.

Para iniciarmos a análise desta distinção, vejamos que Náray-Szabó (2002: 72) aponta, ainda que indiretamente, para a noção de significado potencial e significado contextual, no momento em que tenta esclarecer que uma expressão poderá ser ambígua, conforme o contexto em que surge. Szabó fala-nos de expressões que poderão ser formadas com o verbo *perdre* (perder), como é o caso de *perdre le Nord* e *perdre la tête* – nestas duas frases, as unidades de complemento direto *le Nord* (o norte) e *la tête* (a cabeça) não assumem o seu verdadeiro significado, podendo falar-se, aqui, de significado contextual, pois estas adquirem um novo sentido quando proferidas num dado contexto específico. No entanto, é com a expressão seguinte que podemos, realmente, ver a diferença entre estes dois tipos de significado; a expressão *perdre la boussole* (perder a bússola) pode ser interpretada num sentido literal ou não, dependendo do contexto em que surge – o autor indica que a expressão é ambígua, porque “o complemento direto *la boussole* [“a bússola”] cai na categoria dos objetos do quotidiano (sentido concreto), mas pode, também, adquirir um sentido metafórico (sentido fraseológico)”⁴⁰.

Poderemos admitir, assim, que o significado potencial é o significado que se encontra dicionarizado, ou seja, aquele que está naturalmente subjacente a uma palavra, ou seja, o significado que lhe é atribuído na elaboração de, por exemplo, um verbete de um dicionário (falando sempre de dicionários monolíngues).

Fairclough (2001:230) usa o termo ‘significado potencial’ para designar “a gama de significados convencionalmente associados com a palavra, que um dicionário tentará representar”.

Todavia, o autor refere que mesmo estes significados potenciais, num contexto de mudança histórica rápida, como aquele em que vivemos, são instáveis, alertando ainda

⁴⁰ Texto original: *le complément d’objet «la boussole» peut se classer parmi les objets quotidiens (sens concret), mais il peut se revêtir d’un sens métaphorique aussi (sens phraséologique)*; aqui, as expressões *sens concret* e *sens phraséologique* foram traduzidas literalmente, havendo, contudo, a chance de fazer *sens concret* corresponder à noção de “significado potencial” e *sens phraséologique* à de “significado contextual”.

para o facto de que o significado potencial “pode ser ideológica e politicamente investido no curso da constituição discursiva de um conceito cultural chave” (ibidem: 232). Na verdade, referindo-se às escolhas lexicais dentro de um texto, o autor refere que “essas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais mais amplos”. (ibidem:230).

Assim, Fairclough, propõe uma dinâmica expressa na tabela abaixo que mostra como o significado potencial pode ser reestruturado estrategicamente pelo influxo contextual (Fairclough, 2001: 231):

Modelo hegemónico de significado de palavras	Reestruturação estratégica de significado potencial
(i) o significado potencial é estável.	(i) muitos significados potenciais são instáveis.
(ii) o significado potencial é universal.	(ii) os significados potenciais são variáveis socialmente e socialmente contestados.
(iii) os significados no interior de uma palavra são descontínuos (claramente demarcados entre si).	(iii) a mudança e contestação de significados resultam em mudanças na força e na clareza dos limites entre significados no interior do significado potencial de uma palavra.
(iv) os significados no interior do significado potencial de uma palavra estão numa relação de complementaridade, e são mutuamente exclusivos.	(iv) as mudanças podem girar também em torno da natureza da relação entre significados no interior do significado potencial de uma palavra e do tipo de relação que pode ser por complementaridade ou hierárquica, ou ainda, de dominação e subordinação entre significados.

Tabela 2

O autor lança assim alguma luz sobre a relação dialética entre significado potencial e significado contextual, defendendo que o primeiro é maioritariamente instável e sujeito a mudança pelo influxo social.

Por outro lado, falamos de significado contextual quando são as próprias coordenadas enunciativas que contribuem para fixar o significado de determinada unidade, podendo esta adquirir um significado desviado daquele que lhe é atribuído nos dicionários.

Norén e Linell (2007: 388) apresentam-nos uma breve descrição das teorias contextualistas, sendo ela a seguinte:

They suggest that the meaning of the linguistic expressions themselves cannot be accounted for unless conditions of use in context are somehow specified. Any natural language is designed to be used in and across contexts, and it would be odd if linguistic resources would remain entirely unaffected by their conditions of use.

Assim, os autores assumem que todas as constituições gramaticais não existem com um significado pré-definido; em vez disso, cada expressão adquire significado quando contemplada a sua interação com os elementos contextuais em que a mesma surge, podendo-se dizer que o significado é um significado em contexto e que depende deste último.

Tal assunção é-nos também dada por Allwood (2003: 2) quando menciona as “context sensitive operations” que geram o significado de um enunciado, que se opõem às “compositionality operations”, que não serão capazes de gerar, por si só, o significado de uma palavra ou expressão.

A título de exemplo, é possível citar uma entrada do *Dicionário da língua portuguesa*, da Porto Editora (8ª edição), como a definição de *eco*:

eco s. m. FÍSICA repetição mais ou menos distinta de um som reflectido por uma superfície de grande área de tal maneira situada, que o intervalo de tempo entre a emissão do som e o retorno da onda reflectida é superior a um décimo de segundo; lugar onde se produz o eco; [fig.] divulgação de palavras ou expressões atribuídas a uma pessoa; boato; rumor; repercussão; bom acolhimento; simpatia; fama; celebridade; glória; ~ **múltiplo** sucessão de ecos distintos produzidos pela mesma fonte (Do gr. *ékho*, «eco», pelo lat. *Echo*, «id.»).⁴¹

Esta entrada de dicionário veicula bem a ideia de significado potencial e significado contextual. Falamos de significado potencial no caso dos vários significados que a palavra “eco” pode assumir, no caso deste verbete, até “lugar onde se produz o eco”. Já relativamente ao conceito de significado contextual é necessário ter mais fatores em conta do que o significado estático que os dicionários e enciclopédias atribuem às palavras. No

⁴¹ Sublinhado nosso.

que diz respeito a este último conceito teríamos de ter em conta a entrada completa e não apenas a primeira parte. A abreviatura “[fig.]” numa entrada de dicionário remete-nos, em princípio, para os sentidos conotativos, metafóricos⁴² que a palavra pode assumir em x e y circunstâncias. Dado que o género textual do dicionário possui regras bastante específicas e restritivas, o uso da designação “fig – figurativo” poderá ser a melhor solução que os terminólogos e lexicógrafos encontram para poder transmitir a ideia de significado contextual. O uso de “fig” para indicar conceitos com um sentido “deslocado” vai ao encontro das palavras de Martins (2003), que assume que a metáfora pertence ao domínio da linguagem figurativa, que se opõe à linguagem literal, “sendo esta a linguagem que significa exactamente o que expressa ao fazer uso de palavras da língua geral, presentes no discurso quotidiano dos falantes” (p. 50).

Para rematar, outro exemplo que pode ser usado para ilustrar bem a situação é a expressão *couch potato*, em inglês, com a seguinte definição na 7ª edição do *Oxford Advanced Learner’s Dictionary*:

noun (informal, disapproving) a person who spends a lot of time sitting and watching television.

Aqui, poderíamos procurar num dicionário a definição de *couch* e *potato*, o que não faria com que pudéssemos entender o significado que *potato* assume na expressão (tendo, para isso, de compreender qual a metáfora subjacente a este conceito, isto é, o porquê de a ideia de “pessoa” ser transmitida através de “batata”). Podemos dizer que analisar o significado potencial de *potato* não nos permite saber sempre a que é que a própria palavra se refere. Podemos citar Carnap (apud Lima; 1983: 35), quando este nos revela os três aspetos inerentes a qualquer situação comunicativa, sendo o primeiro deles o mais importante a saber:

(3) aquilo a que o indivíduo tem a intenção de se referir por meio da palavra – temos que a *pragmática* será a investigação que leva em conta o primeiro aspecto, isolado ou em combinação com os outros, a *semântica* tratará apenas da relação entre as expressões da língua e aquilo que elas designam (abstraindo portanto do falante) e a *sintaxe lógica* restringir-se-á ao estudo das

⁴² Aqui assumiremos que os significados figurados que aparecem no dicionário são idiomáticos, retendo a noção, no entanto, de que nem todas as metáforas são idiomáticas ou de que nem todas as EIs têm uma metáfora que lhes subjaz.

propriedades formais das expressões e das suas relações entre si (abstraindo não só do falante, como das coisas designadas)⁴³.

O segmento que se encontra sublinhado serve para vermos que, no ato comunicativo, o contexto em que um enunciado é proferido se torna essencial para a compreensão de determinadas unidades discursivas, dado que a intenção do falante (assim como outros dados contextuais, nomeadamente o grau de proximidade com o recetor, o tempo e o espaço, entre outros) é essencial para a descodificação de uma mensagem – pode, então, falar-se de “significado contextual” quando, mediante a análise de todas as coordenadas enunciativas que fazem parte de um determinado ato linguístico, podemos determinar o verdadeiro significado de uma palavra, frase ou expressão

Silva (2010) aborda a questão da polissemia, ou possibilidade de existência de mais do que um significado, tendo em conta que o significado da palavra pode ser influenciado pelo contexto em que esta surge. “Quantos significados tem determinada palavra ou construção?” é uma das questões tratadas pelo autor.

O autor fala-nos de Lakoff e da hipótese do “significado múltiplo” esclarecendo que este se relaciona essencialmente com a influência que o contexto exerce sobre as palavras, assim como com a continuidade do significado (2010: 356).

Uma das conclusões que este autor retira do seu estudo é a de que “o significado é uma realidade dinâmica e flexível, aberta à mudança e adaptável ao contexto”, provando as afirmações suprarreferidas, daí transmitir-nos a noção de que o significado de uma palavra deverá ser depreendido do seu uso contextual. As estratégias através das quais deveremos estudar o significado das palavras são, segundo o autor, a análise de corpus ou o uso de técnicas de experimentação (Ibidem). Além disso, fala-nos de algumas técnicas de diferenciação de sentido que os dicionários deveriam adotar, tais como “disjunções, enumerações e acumulações de quase-sinónimos”, devendo ser usados igualmente agrupamentos hierárquicos, etiquetas que designem relações semânticas e referências cruzadas entre aceções ou grupos de aceções.

⁴³ Sublinhado nosso.

1.6. Competência gramatical vs competência comunicativa

Os dois conceitos que se encontram agora na mira do nosso estudo, competência gramatical e competência comunicativa, são de igual importância para que seja possível compreender as EIs como sendo uma das subclasses pertencentes ao grande compêndio das UFs.

A competência gramatical, tal como o próprio nome indica, relaciona-se com a capacidade que um indivíduo tem de produzir enunciados corretos segundo as normas gramaticais de uma determinada língua, quer por aprendizagem direta destas regras, quer por aprendizagem indireta das mesmas (ou seja, através da aquisição involuntária das regras gramaticais). Ora, é importante analisarmos este conceito, já que as expressões idiomáticas podem, muitas vezes, possuir uma estrutura que é “estranha” a quem possua apenas conhecimento relativo às regras gramaticais de uma língua; para explicar como o falante consegue interpretar uma expressão idiomática, cujo sentido não pode ser aferido apenas com base nos conhecimentos gramaticais, surge a competência comunicativa, conceito que já não se relaciona diretamente com a gramaticalidade das frases, mas sim com o uso de determinadas palavras e determinadas estruturas frásicas nos respetivos contextos sociais. Ou seja, a competência comunicativa encontra-se ligada ao momento da comunicação em si, dizendo respeito à forma como os falantes são capazes de produzir e perceber enunciados gramaticalmente corretos, mas também socialmente adequados. Tal como bem refere J. Fonseca (1994:14), a competência comunicativa é um conglomerado de competências - competência textual; competência discursiva; competência retórico-pragmática; competência sociocultural; competência lógica; competência metalinguística e metacomunicativa; competência enciclopédica que interactivam na produção discursiva dos falantes. Será, então, necessário ter em conta estes dois conceitos em simultâneo, para que possamos avaliar se um enunciado é ou não gramaticalmente correto e socialmente ajustado; qual o efeito que o mesmo produz no ato de comunicação, permitindo-nos avaliar se se trata, de facto, de uma EI⁴⁴.

⁴⁴ Importante será mencionar que não se parte, de todo, da ideia de que todas as EIs serão enunciados agramaticais; no entanto, a questão poderá ser vista pelo lado inverso, ou seja, se o enunciado for

Ao abordarmos estes dois conceitos, será indispensável mencionar autores como Noam Chomsky e Dell H. Hymes. Hymes, baseando-se no pensamento de Chomsky, apresenta-nos a ideia de que a competência comunicativa⁴⁵ trata do conhecimento exibido por um falante no momento de comunicação, tratando-se a competência gramatical⁴⁶ daquilo que permite a um falante distinguir enunciados gramaticalmente corretos de enunciados agramaticais. Ainda segundo o mesmo autor, deveremos reter a noção de que a competência comunicativa nos indica se um dado enunciado é apropriado num determinado contexto.

Hymes (1972) propõe uma teoria baseada na competência comunicativa, cujo critério é a aceitabilidade. Podemos constatar a existência de quatro pequenos subapartados no seu estudo, sendo o terceiro o mais relevante para o nosso trabalho. Este subapartado, sob o nome de *Whether (and to what degree) something is appropriate*, indica-nos que a aceitabilidade é algo que surge intrinsecamente ligado ao contexto em que um enunciado é proferido. Nesta mesma secção, concordando com Labov, Hymes (ibidem: 285-286) afirma que “qualquer enunciado é emitido num determinado contexto”, pelo que a parte contextual deverá sempre ser valorizada em qualquer análise, inclusive quando falamos exclusivamente da competência gramatical.

Passando agora à análise daquilo que se entende por competência linguística, podemos dizer que Tienison (1983: 99), recuperando Chomsky ao longo do seu trabalho, nos exhibe a seguinte definição do conceito:

[Linguistic competence is] a cognitive system that produces knowledge not antecedently present in the mind of the subject, e. g., knowledge of grammatical relations in response to certain stimuli...

O autor diz-nos que a intenção de Chomsky ao introduzir a noção de competência linguística seria a de esclarecer qual o foco da gramática enquanto teoria, introduzindo a noção de “transformational generative grammar”. O propósito desta teoria é-nos dado

agramatical e, ainda assim, surtir um efeito positivo (de compreensão) no ato de comunicação, poderá ser, então, que se trate de uma EI.

⁴⁵ Originalmente *communicative competence*.

⁴⁶ Originalmente *linguistic competence*.

como “descrever algo que existe na natureza e que só é correto caso exista uma realidade mental ou psicológica que lhe corresponda”.

Tienson (ibidem: 100), baseando-se em Chomsky, defende a perspectiva de que o número de enunciados que a gramática de uma língua⁴⁷ pode gerar é infinito; o mesmo já não se poderá dizer sobre os falantes dessa mesma língua, sendo o número destes limitado comparativamente à quantidade de enunciados que podem ser produzidos. Um dos pontos que Tienson realça, relativamente à ideia de que a teoria da gramática deverá descrever o comportamento dos falantes, é que a gramática, apesar de gerar frases de um determinado idioma, não descreve comportamentos que estejam para lá dos enunciados criados, como é o caso de, por palavras do autor, “false starts, changes of thought in mid-sentence, spoonerisms and slips of the tongue”. É aqui que Chomsky possui um papel relevante, introduzindo a distinção entre competência e *performance*.

Tienson (ibidem) defende que não é possível a informação linguística de um enunciado estar armazenada na mente humana e que cada enunciado é produzido num dado momento, em resposta a diferentes estímulos. É igualmente da opinião de que cada falante possui o seu próprio “sistema de processos e princípios” que o ajuda a produzir diferentes enunciados numa língua. É a este sistema que Chomsky dá o nome de competência linguística. O conhecimento linguístico produzido depende, para Tienson, de fatores externos à elaboração de enunciados, como memória, motivação, fadiga, entre outros. Aqui entra a noção de *performance*, que trata daquilo que os falantes produzem efetivamente ou conseguem produzir.

Para que se torne clara a relevância destes conceitos no nosso trabalho, podemos reforçar o pensamento refletido acima quando pensamos no nosso objeto de estudo – as EIs. Não possuímos a informação necessária para interpretação das mesmas até as ouvirmos pela primeira vez. E, ainda assim, por vezes, não as conseguimos decodificar enquanto não obtivermos informação extralinguística tal como Nouar (s.d.) nos diz, recuperando

⁴⁷ No artigo é mencionado o inglês. No entanto, dado o escopo do nosso trabalho se focar na transposição de enunciados de uma língua para outra, falaremos de língua em termos gerais, não especificando de que língua se trata.

Hymes (1972) e Campbell e Wales (1970): “communicative competence is to include not only grammatical competence ... but also contextual and sociolinguistic competence”. Por vezes, a informação de que precisamos para a compreensão destas expressões está relacionada com a cultura em que a língua se insere (como mencionado acima, no apartado 1.4.3., no qual são abordados os idiomatismos culturais), ou estas podem carecer de informação geográfica quando a língua em questão é falada como língua materna em mais do que um país (Reino Unido vs. EUA e Portugal vs. Brasil, por exemplo).

Capítulo 2 – Estudos da tradução

Mencionar os estudos da tradução nesta dissertação torna-se imprescindível para que possamos, depois, discutir quais as melhores estratégias a adotar na tradução das EIs. Abordaremos, então, alguns autores que nos falam de modelos de equivalências e de teorias funcionalistas, tais como Katherina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord, assim como Anthony Pym, entre outros.

A abordagem das teorias funcionalistas revela-se importante, na medida em que estas se focam na função da tradução, tendo em conta o público-alvo que a receberá, assim como o propósito com que a mesma é concebida. Serão, então, as teorias mais ajustadas para a análise correta das EIs e para a procura das melhores estratégias de tradução das mesmas, pois o papel que a tradução desempenhará será essencial para sabermos como transmitir a mensagem que cada EI veicula.

Antes de começarmos com a verdadeira análise, podemos apreciar uma frase de Pym (2010: 9), onde o autor fala sobre a essência da tradução: “The term ‘translation’ is increasingly used to describe intercultural dynamics that do far more than relate two texts to each other.”. Tal pensamento estará diretamente relacionado com a tradução das EIs, dado que estas não poderão simplesmente ser traduzidas em função da linguagem do texto de partida, mas também tendo em conta a carga cultural que acarretam. Para corroborar a tese de que a tradução é mais do que a relação entre dois textos, temos as palavras de Benjamin (1972: 10), que nos diz o seguinte: “Daß eine Übersetzung niemals, so gut sie auch sei, etwas für das Original zu bedeuten vermag, leuchtet ein”⁴⁸.

Nord (2006: 29), no seu artigo *Loyalty and fidelity in specialized translation*, apresenta-nos seis princípios básicos das teorias funcionlistas da tradução, que serão aqui apresentados sumariamente.

⁴⁸ Tradução nossa: “É evidente que uma tradução, por muito boa que seja, não significará nada para o original”; a nosso ver, o pretendido com esta assunção será dizer que uma tradução nunca poderá corresponder totalmente ao original, por muito boa qualidade que possa ter.

Em primeiro lugar, sugere-nos que a escolha do método e da estratégia de tradução é diretamente influenciada pelo propósito da mesma. Aqui é, portanto, aplicado o princípio da funcionalidade, baseado na função comunicativa do texto.

De seguida, remete-nos para a importância do papel do cliente, pois este é quem vai dar as indicações quanto à função que a tradução irá desempenhar. No caso de estas indicações não serem suficientes ou de não serem explícitas (Nord dá-nos, inclusive, o exemplo de uma instrução básica que pode surgir, sendo esta “Could you please translate this text by Wednesday!”), caberá ao tradutor descobrir qual o propósito que o cliente tem em mente. Para isto, o tradutor poderá basear-se na sua experiência anterior, no caso de já ter trabalhado com este cliente, ou então simplesmente pedir mais informações ao cliente quanto ao propósito da tradução.

O terceiro princípio diz-nos que “uma tradução que consiga o propósito pretendido pode ser considerada funcional”. Nord dá-nos, assim, a definição de “funcionalidade”, sendo ela: “Functionality means that a text (in this case: a translation) ‘works’ for its receivers in a particular communicative situation in the way the sender wants it to work” (ibidem: 31). Poderemos, neste ponto, estabelecer uma conexão com aquilo já mencionado anteriormente, no que diz respeito à noção de competência comunicativa. Na sua definição de “funcionalidade”, Nord menciona uma “particular communicative situation”, que fará com que o texto funcione de determinada maneira, em função do público-alvo e da situação em que o texto é produzido/recebido. Ora, a competência comunicativa será também de génese funcional, dado que, para além de serem produzidos enunciados que mantenham uma coerência gramatical, esses mesmos enunciados terão de funcionar a nível social; quer isto dizer que um texto não serviria o seu propósito se apenas fossem mantidas as regras gramaticais, pelo que será também necessário analisar qual o objetivo do texto, assim como o objetivo da tradução: se será um texto informativo, um texto instrutivo, entre outros. Ao quisermos respeitar a função que o texto terá quando recebido pelo público-alvo, teremos também de ter em conta aspetos metatextuais, como a estrutura e divisão do texto⁴⁹. Pelo que vemos aqui exposto, podemos argumentar que

⁴⁹ Por exemplo, quando falamos de um livro de instruções, teremos de contabilizar a estrutura do texto, nomeadamente a sua divisão em secções, respeitando sempre os conteúdos das mesmas; sabemos que este

uma teoria funcionalista da tradução se adaptaria bem às exigências de um enunciado contendo uma ou variadas EIs que tivesse de ser traduzido para um público-alvo em específico, com um objetivo já pré-determinado pelo texto original.

Para a autora, nenhum texto é obrigatoriamente funcional. Esta característica apenas pode ser atribuída a um texto pelo recetor, no momento de receção do texto, em que este avalia se de facto o texto “funciona”⁵⁰.

Nord dá-nos a indicação de que o tradutor nunca poderá ter a certeza de se o texto produzido na língua de chegada será visto como funcional quando chegar às mãos do recetor. Posto isto, é natural que os produtores textuais, i. e. tradutores, utilizem aquilo que Nord designa por *marker code*, que é um código estabelecido pelo próprio produtor do texto, que visa transmitir de forma mais clara a função que o texto deverá ter na cultura de chegada. No entanto, apenas um recetor que reconheça os marcadores que um tradutor usa poderá compreendê-los na sua totalidade.

O sexto princípio transmitido por Nord é bastante explícito no que diz respeito a uma das capacidades que o tradutor deverá ter no processo de tradução. Relaciona-se com a informação dada no texto; nem demasiada informação nova, nem pouca informação nova. Como Nord nos diz, “se um texto contiver demasiada informação nova, será incompreensível para os leitores, enquanto que se tiver muito pouca informação nova, o público-alvo não verá utilidade em ler o texto”⁵¹ (ibidem: 32). Durante o processo de tradução, o tradutor terá de ser capaz de seleccionar qual a informação mais relevante a transmitir na tradução, assim como a forma mais clara de o fazer; caso demasiada informação seja transmitida no texto de chegada, com ligações fráscas pouco claras e, por vezes, complexas de entender, o público-alvo estará mais relutante em ler o texto e, caso o leia, poderá mesmo vir a não compreender o conteúdo do mesmo, pelo que o

tipo de texto será de carácter instrutivo, pelo que a sua estrutura se revela importante, assim como a manutenção de atos de fala de ordem instrutiva, para que o objetivo do texto não seja perdido no momento da tradução.

⁵⁰ Mantém-se o verbo *function*, que no original em inglês é usado entre aspas.

⁵¹ Texto original: *if a text offers too much new information it will be incomprehensible for the readers, while if it contains too little information, the audience will not find it worth reading.*

tradutor precisa de uma capacidade de seleção que não assiste a qualquer produtor de texto.

Ainda no âmbito da equivalência na tradução, podemos mencionar Pym (2010), que nos fala de diversos paradigmas na tradução, sendo os mais relevantes para o nosso estudo o relativismo histórico e cultural, que, segundo o autor, “desafia as proposições de equivalência absoluta”, e a tradução cultural, que é vista como sendo um conjunto de processos interpessoais, e não como um mero problema de relação entre textos. Será importante mencionar a tradução cultural especialmente no caso das EIs, dado serem, como já mencionámos anteriormente, expressões que acarretam uma grande carga cultural, que não pode ser compreendida pela simples tradução literal das mesmas.

Além destes conceitos, Pym reflete sobre a “equivalência natural” e a “equivalência direcional” (ibidem: 2). A equivalência natural encontra-se simplesmente relacionada com o carácter tradutível de um texto, assim como com a fidelidade do tradutor face ao TP (texto de partida). Já a equivalência direcional remete-nos para o papel do tradutor no processo tradutivo, visto que este tem escolhas a fazer, sem garantia de obtenção de um equivalente total. Podemos, ainda, retirar a ideia de que o papel do tradutor se torna fundamental, dado que este é o único que consegue captar a componente cultural que reside num determinado enunciado/texto.

Na terceira secção do seu estudo, intitulada *The doubts of indeterminism*, Pym transmite-nos a noção de “similaridade” (ibidem: 3). Muitas vezes, será melhor falarmos de similaridade em vez de equivalência, porque esta última pode não existir, noção que se pode aplicar às EIs, dado que as mesmas não dependem apenas de um equivalente lexical e gramatical para surtirem efeito, mas sim de um equivalente contextual, o que, algumas vezes, é impossível de obter. Poderemos, assim, interpretar que, no caso das EIs, o principal objetivo a atingir com a tradução será a similaridade e não a equivalência.

É também relevante mencionar o papel criativo do tradutor, neste caso, na medida em que este pode adotar diferentes técnicas para traduzir as EIs, não existindo nenhuma regra que nos dite como é que elas devem ser traduzidas; desta forma, nunca será correto dizer que uma expressão traduzida literalmente com uma nota de rodapé representa uma melhor ou

pior tradução do que, por exemplo, uma tradução através de um equivalente lexical e cultural com uma nota que esclareça a diferença de uso da expressão nas duas línguas/culturas.

De realçar são também os universais da tradução (hipotéticos, segundo Pym) e compendiados pelo autor de várias fontes identificadas por ele mesmo, como se pode verificar abaixo:

“1) lexical simplification, since translations tend to use a narrower range of different words (Blum-Kulka and Levenston 1983); 2) explicitation, since translations tend to be more redundant, particularly with respect to cohesion devices (Blum-Kulka 1986/2004); 3) adaptation, since translations tend to adopt the discursive norms of the target culture (Zellermayer 1987); and 4) equalizing, since translations tend avoid the extremes of discursive ranges (...) (Shlesinger 1989).⁵²

Reiß e Vermeer (1984: 119) apresentam-nos a *Skopostheorie*, que tem por base essencialmente o objetivo ou finalidade do texto. A tradução é-nos apresentada como proposta de informação, isto é, a tradução revela-se uma proposta de informação num TC (texto de chegada) e numa CC (cultura de chegada) relativa à proposta de informação do TP (texto de partida)/CP. O objetivo com que o TC é produzido vai condicionar as estratégias usadas pelo tradutor e todas as decisões que este tenha de tomar.

O importante nestes dois autores será a distinção entre dois conceitos, nomeadamente “adequação” e “equivalência”, sendo o segundo conceito de especial interesse, uma vez que já foi por nós abordado quando citamos Pym. O conceito de “equivalência” será imprescindível quando abordamos as EIs, dado que a maior questão que impulsiona grandes teóricos a refletir sobre as mesmas é a procura de um equivalente, daí a importância de dar a conhecer a diferença entre estes dois conceitos. Por vezes, um equivalente tido como ideal poderá não ser o mais indicado para um determinado registo de língua ou contexto em que a expressão é utilizada, o que nos leva a crer que esta diferenciação será, de facto, necessária e elucidativa. O conceito de “adequação” está especificamente relacionado com o *skopos* do texto, i.e., a relação que o TP e o TC estabelecem, tendo por base a sua finalidade. Já o conceito de “equivalência” relaciona-

⁵² Os dados relativos aos possíveis universais da tradução citados no corpo do nosso trabalho foram recolhidos de Anthony Pym (2010: 6).

se diretamente com a palavra ou a frase, querendo isto dizer o conteúdo do texto e a forma como este é estruturado; parece-se um pouco com a noção de “equivalência natural” de Pym (2010), que, como dito acima, é relativa exclusivamente à estrutura e linguagem do texto e à relação do tradutor com as mesmas.

Também se justifica mais uma vez estabelecer uma relação entre os pressupostos da Skopostheorie e a diferença que separa a competência linguística e a competência comunicativa pois, tal como vimos no apartado 1.6., a competência gramatical não esgota a explicação do que faz de um texto um bom texto, já que um bom texto é simultaneamente correto, do ponto de vista gramatical, e ajustado, do ponto de vista contextual.

Quando abordamos a tradução de um ponto de vista funcionalista, não podemos deixar escapar o nome de Göpferich, que nos fala na compreensibilidade na tradução (2009) tendo em conta o modelo da compreensibilidade de Karlsruhe.

Descrevendo sucintamente este modelo, podemos dizer que se trata de um melhoramento do modelo criado pelo grupo de psicólogos de Hamburgo Langer, Schulz von Thun & Tausch (1993) e do modelo de Groeben (1982). O modelo da compreensibilidade ajuda-nos na otimização de textos que, à partida, possuem determinadas qualidades que fazem com que o conteúdo dos mesmos não seja tão perceptível.

Göpferich indica-nos que a qualidade de um texto e o seu grau de compreensibilidade são avaliados tendo em conta a sua função comunicativa. Quando queremos avaliar um texto tendo em conta a sua função comunicativa, temos de contabilizar “a) o propósito do texto, b) o público-alvo e c) o redator do texto”⁵³ (ibidem: 35).

Abordando especificamente o grupo-alvo, existem alguns aspetos importantes a ter em conta; conforme o público-alvo muda, mudam também algumas características do texto. Alguns dos pontos que podem divergir, conforme o recetor do texto, são a terminologia que é usada (sendo usada uma terminologia mais específica quando se trata de um texto científico para especialistas), a exatidão das descrições (no estudo de Göpferich é-nos

⁵³ Texto original: *a) the purpose of the text, b) its target group and c) its sender.*

dado um exemplo de um texto relativo a terapia para doentes com SIDA – caso o texto seja destinado aos terapeutas, as descrições poderão sempre ser um pouco mais minuciosas do que para o paciente que recebe a terapia) e a complexidade do discurso, não só a nível terminológico, mas também a nível de estrutura frásica, entre outros aspetos.

Já no que diz respeito ao emissor/redator do texto, será de interesse dizer que fatores como o sexo, a idade, o *background* cultural e social, entre outros, exercem influência sobre o texto, não só do lado do grupo-alvo, mas também do lado do emissor.

Göpferich fala-nos, no mesmo estudo, das dimensões de compreensibilidade, sendo estas “concisão”, “correção” (dada pelo nome *correctness*), “motivação”, “estrutura”, “simplicidade” (linguística) e percetibilidade (ibidem: 40-48). Relevante para o nosso estudo será a simplicidade linguística, sobre a qual poderão incidir as EIs. Existem algumas questões que deverão ser colocadas de modo a conseguirmos avaliar a simplicidade de um texto, sendo elas as seguintes (ibidem: 46-48):

1. Is the choice of words adequate (lexical simplicity)?;
2. Is the syntax adequate (grammatical simplicity)?;
3. Is the degree of directness which is achieved on the illocutionary level adequate for the genre)?;
4. Are the words and constructions used precise enough, i.e., is ambiguity avoided?;
5. Are lexis and syntax used consistently?

Poderemos enquadrar as EIs nesta dimensão da compreensibilidade, na medida em que deve existir, como podemos ver, simplicidade lexical e gramatical, todavia as EI's podem pôr em causa este princípio. Como já demos conta no capítulo anterior, as EIs possuem determinadas características que poderão afetar a simplicidade e, consequentemente, a compreensibilidade dos enunciados. Nomeadamente, as EIs nem sempre possuem uma estrutura gramatical lógica, desviando-se esta, por vezes, dos padrões linguísticos tidos como normais e corretos. Além disso, alguns dos seus constituintes possuem um valor metafórico, não podendo ser interpretados no seu significado potencial.

Importante será mencionar que este modelo de compreensibilidade se poderá aplicar à produção de texto no geral, sendo então possível aplicá-lo ao TP, mas também ao TC. Quando o tradutor vê que o TP não preenche os critérios para ser considerado um texto

compreensível (claro, neste caso, seguindo o modelo de Karlsruhe (2001; 2002)), cabe-lhe a função de o aplicar ao TC, de modo a que o público-alvo consiga entender aquilo que o texto diz e do que é que o texto trata. Este critério poderá aplicar-se também à situação das EIs, pois o tradutor poderá encontrar uma ou mais EIs no texto a ser traduzido, que terá de descodificar conforme as características e as necessidades da CC. Aplicar este modelo ao TC não será uma tarefa muito fácil para o tradutor, pois o mesmo tende sempre a cometer “erros” principalmente quando traduz para a sua língua materna. Gopferich (2009) refere nomeadamente no seu estudo dois aspetos linguísticos tais como o uso da voz passiva e das construções nominais em vez de verbais que, entre outros aspetos interferem frequentemente na tradução de língua para língua. No entanto, apesar de difícil, quando o critério da compreensibilidade é aplicado com sucesso, o TC pode desempenhar a sua função e satisfazer o público-alvo e as suas necessidades.

O modelo de equivalências de Kade (1968) será também digno de menção no nosso estudo. O autor fala-nos de quatro tipos de equivalência. Temos, primeiro, a equivalência total, em que um termo numa língua corresponderá a outro noutra língua, podendo estabelecer-se o esquema $[1=1]$; de seguida temos a equivalência facultativa, traduzida pelo esquema $[1=n]$ – quer isto dizer que uma palavra numa determinada língua poderá ter inúmeros correspondentes noutra; já a equivalência aproximativa remete para uma palavra que, noutra língua, poderá ter dois correspondentes distintos, traduzida, assim, pelo esquema $[1=1/2]$; por fim, temos a equivalência nula, traduzida pelo esquema $[1=0]$, ou seja, falamos de equivalência nula quando não temos um correspondente direto noutra língua.

Em suma, as teorias funcionalistas assumem um papel relevante na tradução de enunciados que possuam por si um determinado grau de idiomaticidade, seja este maior ou menor, pois permitem-nos determinar qual a melhor estratégia a adotar e, tendo estas teorias como base do nosso processo tradutivo, poderemos obter bons resultados na nossa tradução, pois vários aspetos importantes serão considerados ao longo do processo, nomeadamente a estrutura do texto e a sua função mediante o público-alvo que receberá a tradução. Poderemos aproveitar este tópico para mencionar que será importante a formação académica e profissional que um tradutor recebe (assunto ao qual

regressaremos nas considerações finais); através da formação académica (ou formação profissional contínua, por exemplo, em contexto de empresa), o tradutor estará cada vez mais habilitado a resolver problemas tradutivos relacionados com a idiomaticidade presente num texto.

Capítulo 3 – Estudo de caso

3.1. Enquadramento

O objeto concreto do nosso estudo serão dois dicionários bilingues de expressões idiomáticas, que se enquadram no discurso científico e na produção escrita do mesmo. Num primeiro momento, enquadramos o nosso corpus no respetivo tipo de discurso e género textual. Num segundo momento, passaremos a analisar algumas das entradas de EI's consideradas em ambos os dicionários, explicando as opções tradutivas utilizadas à luz da informação reunida nesta dissertação e também problematizando algumas outras das escolhas efetuadas.

O objetivo, no primeiro momento, será analisar quais os marcadores de género presentes no discurso científico redigido num dicionário bilingue de expressões idiomáticas, como supramencionado, tendo por base a divisão proposta por Jean-Michel Adam (2001), que apresenta oito parâmetros a analisar referentes a estes marcadores, que serão abordados mais adiante no ensaio. No segundo momento, procederemos a uma análise detalhada de algumas EIs contidas em ambos os dicionários, sendo um deles de inglês–português e o outro de português–alemão. O dicionário da área do inglês é o *Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglês-Português*, da editora Melhoramentos, cujos autores são Mark G. Nash, mestre em Teoria da Comunicação pela McGill University, Montreal, Canadá, e Willians Ramos Ferreira, mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pelo LAEL/PUC-SP. O segundo dicionário é o *Dicionário idiomático – português–alemão*, da autoria de Hans Schemann e Luiza Schemann-Dias, da editora Max Hueber Verlag, Livraria Cruz, com colaboração de diversos especialistas, mencionados numa das primeiras páginas. É de salientar a nota que vem no interior do dicionário, sendo esta “as expressões idiomáticas portuguesas, o seu uso no Brasil e os seus equivalentes alemães”⁵⁴.

⁵⁴ Está também incluída esta mesma nota em alemão: *Die portugiesischen Idioms, ihr Gebrauch in Brasilien und ihre Entsprechung im Deutschen*.

A integração dos parâmetros de delimitação de gênero textual será importante no estudo de um dicionário, de modo a que este gênero e todas as características do tipo de discurso a ele subjacentes possam ser compreendidos na sua totalidade. Entre outros aspetos que levam a esta necessidade, temos o uso de abreviaturas em dicionários, que possuem diferentes significados, ou, então, até a grafia dos mesmos, sendo que esta poderá, em alguns casos, fazer algumas distinções a negrito ou a itálico, que precisam de ser interpretadas corretamente. Dado que o dicionário é uma ferramenta imprescindível para o trabalho do tradutor, assumindo um papel cada vez mais importante na qualidade de uma tradução, será relevante compreender todos os fatores, até os mais pequenos detalhes, que digam respeito à forma como um dicionário se encontra estruturado. Assim, o trabalho do tradutor será muito mais produtivo e este poderá elaborar uma tradução com melhor qualidade.

O dicionário idiomático de inglês – português foi escolhido para este trabalho, antes de mais, por se encontrar facilmente acessível *online* e por já ter sido usado num trabalho de Mestrado para a unidade curricular de Análise do Discurso, que está integrada no Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos; a realização deste trabalho, na altura com base numa versão incompleta do dicionário, apenas de pré-visualização, tornou possível uma análise detalhada do mesmo, levando, posteriormente, à compra da versão completa do dicionário, para servir como objeto de estudo neste trabalho.

Relativamente ao dicionário idiomático de português – alemão, o mesmo foi escolhido por ter surgido como um dos poucos disponíveis *on line* após semanas de pesquisa, dado a disponibilidade de dicionários ou outros artigos na língua alemã ser mais reduzida do que em línguas como o inglês. Após uma breve análise do dicionário, este revelou preencher os requisitos necessários para a realização deste trabalho.

3.2. Delimitação de gênero textual

O primeiro aspeto sobre o qual devemos debruçar-nos é a proposta de Jean-Michel Adam para a análise dos marcadores de gênero textual. As oito componentes reconhecidas pelo autor são as componentes semântica, composicional/estrutural, enunciativa, estilística e fraseológica, pragmática, metatextual, material e peritextual. Apesar de conscientes de

que delimitação de géneros é uma área complexa e instável, dada a própria instabilidade dos géneros, e apesar de sabermos que neste domínio dos tipos de discurso e géneros de texto proliferam muitas propostas alternativas, optámos por utilizar a tipologia de J.M. Adam por se tratar de uma tipologia muito operativa e muito integradora, já que concentra na mesma proposta parâmetros de natureza puramente gramatical, com parâmetros enunciativos, pragmáticos e paratextuais. Para além destes pontos a favor, temos ainda a questão de esta proposta de J.M. Adam ser uma proposta efetuada já numa fase posterior da pesquisa do autor que versou toda ela sobre as características do texto, da textualidade, sobre as sequências textuais e sobre os géneros de texto. Trata-se assim de uma proposta consistente e madura e aceite pela comunidade.

Os parâmetros referidos acima serão, pois, os parâmetros a ter em conta para o presente trabalho. Algumas destas categorias apresentam alguma “flexibilidade” ou capacidade de mudança em alguns géneros textuais, ou seja, existirão sempre algumas características de certos textos que não poderão ser tidos como marcadores de género, na aceção de delimitação que a palavra possui. Algumas destas componentes são fáceis de descrever, como é o caso da componente semântica, a qual nos indica quais os temas tratados no texto em análise, assim como da material e peritextual, referindo-se estas, respetivamente, a indicadores como o suporte e a extensão do texto, juntamente com todos os aspetos gráficos que o caracterizam, e às fronteiras dos textos, por outras palavras tudo o que inclua capa, bibliografia, entre outros aspetos. Os outros parâmetros carecem de uma explicação mais detalhada: em primeiro lugar, a componente estrutural, também denominada composicional, que nos remete para os tipos de sequências textuais existentes, assim como para a estrutura do próprio texto, i.e., a divisão do mesmo em partes ou secções, por exemplo; em segundo lugar, a componente enunciativa, relativa ao tipo de texto – isto é mencionar qual a situação de produção do discurso e quais as marcas do enunciador e do destinatário que se encontram presentes no mesmo; em terceiro lugar, a estilística e fraseológica, que nos direciona para a textura microlinguística – este aspeto inclui estruturas sintáticas específicas, léxico especializado, processos de conexão textual e marcadores discursivos presentes, entre outros; a componente pragmática prende-se com o objetivo ilocutório com o qual o discurso é produzido; por fim, a componente

metatextual, relacionada com qualquer referência no corpo do texto, direta ou indireta, ao próprio gênero textual.

3.3. Marcadores de gênero textual (dicionário de inglês–português)

Como já mencionado anteriormente, o estudo do dicionário será feito de acordo com a divisão dos traços textuais proposta por Jean-Michel Adam. Segue-se então a análise realizada segundo a sugestão do autor.

3.3.1. Componente semântica

Dado tratar-se de um dicionário especializado, será fácil delimitar qual o tema tratado. Neste caso, o tema são as EIs. Esta delimitação justifica-se, até, pelas páginas VII-IX, nas quais podemos encontrar uma definição de “expressão idiomática” e uma pequena nota sobre a quem se destinará o dicionário. Esta nota surge na seguinte forma como resposta à questão “a quem se destina o dicionário?”:

O dicionário destina-se a estudantes brasileiros de inglês, bem como àqueles que leem ou usam o inglês no seu ambiente de trabalho ou lazer. Estudantes e professores apreciarão a utilidade do dicionário, especialmente quando estiverem trabalhando com textos autênticos em inglês, como revistas, jornais, romances, letras de músicas, textos falados, roteiros de filmes e televisão, e diálogos. Este dicionário tem a intenção de auxiliar aqueles que precisam de definições claras de expressões idiomáticas que eles encontrarão na leitura ou ao ouvir falantes do inglês.

3.3.2. Componente metatextual

A componente metatextual será também fácil de delimitar, visto que qualquer dicionário traz uma referência ao gênero de texto em questão, nem que seja na capa. Ora, neste caso, teremos algumas referências ao gênero, não só na capa, como é o caso de todos os dicionários, mas também nas duas primeiras páginas e, novamente, nas páginas VII-IX, na pequena secção “a quem se destina o dicionário?” (em inglês “*who is this dictionary for?*”). Na versão em inglês até se encontra mais explícita a referência, devido ao determinante demonstrativo “*this*”, que nos remete diretamente para o próprio dicionário, estando a referência em português um pouco mais esbatida pelo uso do artigo definido “o”.

3.3.3. Componente peritextual

As fronteiras textuais exibidas neste dicionário são, para além da capa, uma página de rosto e outra com informações sobre a editora e os autores, seguida de uma página em branco. Por fim, antes de assistirmos ao início efetivo da componente textual propriamente dita, temos a página do sumário. As fronteiras pós-textuais não se encontram disponíveis, pois o sumário não alude para nenhuma secção de “bibliografia” ou “anexos”.

3.3.4. Componente estrutural/composicional

A estrutura do dicionário é-nos apresentada pelo sumário do mesmo, que o divide em “introdução em português” e “introdução em inglês”, cada uma com as suas subdivisões, e depois a última divisão, aquela que realmente nos interessa, “verbetes de A a Z”. Podemos admitir que as sequências textuais presentes nesta última secção do dicionário são puramente descritivas, dando-nos uma definição de cada expressão em português, sendo que, para atestar essa definição, nos são dados exemplos de frases com esses mesmos enunciados. Algo interessante na organização de cada verbete é a forma como cada um é mostrado, sendo que temos “*above: be above someone’s head*”, na primeira página. Em cada entrada é mostrado qual o elemento principal, seguido da expressão completa. Podemos afirmar que esta estrutura se deve ao facto de a palavra salientada ser aquela que, no meio do enunciado idiomático, perderá o seu sentido literal (talvez não plenamente, mas será a palavra que permitirá uma segunda análise, possivelmente com um carácter metafórico); é também a palavra produtiva na criação de uma “família” de EIs, neste caso apoiadas na metáfora conceptual espacial”. Quando as expressões podem ter mais do que um significado, estes são separados por números. Nunca poderemos deixar de parte o facto de esta estrutura ser prototípica do género textual do dicionário.

Como exemplo de verbete podemos demonstrar o único existente na letra Z, sendo ele:

Z’s: **get some z’s** *Amer inf* dormir, tirar uma soneca. *I’m beat! I need to get some z’s.* / Eu estou morto de cansaço! Preciso tirar uma soneca.

3.3.5. Componente material

O dicionário encontra-se em formato de *e-book* (formato digital). Excetuando a capa e folhas de rosto, ou seja, a partir do sumário, é utilizado o tipo de letra Times New Roman; os títulos são exibidos a negrito, assim como o nome das entradas. Por exemplo, na primeira página de entradas do dicionário, temos a entrada “above: be above / get above oneself” a negrito e, em seguida, a definição com corpo de letra normal; os exemplos de frase com a dita expressão são exibidos a itálico. Cada página encontra-se dividida em duas colunas com o texto justificado. A primeira página de cada letra inicial das entradas possui essa mesma letra num tamanho bastante superior ao do resto do texto, também a negrito, possuindo as seguintes páginas uma linha antes do texto, por cima da qual verificamos o número de páginas, assim como a primeira e a última entradas de cada página. Para além disso, a cada página ímpar, temos um pequenino marcador preto com uma letra branca que corresponde à letra que está a ser pesquisada. Para podermos ilustrá-lo, apresentaremos aqui uma captura de ecrã que contém duas páginas, intitulada “imagem 1”:



Imagem 1

3.3.6. Componente estilística e fraseológica

Relativamente aos aspetos estilísticos e fraseológicos deste dicionário, podemos salientar, desde já, o léxico utilizado em cada verbete. Apesar de cada entrada conter uma explicação/definição básica de cada EI, podemos verificar, em alguns casos, o uso de léxico especializado, nomeadamente através de algumas abreviaturas que aparecem no significado destes enunciados. A título de exemplo temos, na página 2, na entrada “*act: get one’s act together*”, a abreviatura *inf*, que significa “informal”. Outros exemplos de abreviaturas são *comp* (comparativo) e *dit* (ditado); apesar de serem palavras comuns no vocabulário geral, classificaria estas palavras como especializadas no domínio em questão, dado serem dados metalinguísticos que completam a informação sobre cada expressão, sendo fundamentais para a categorização, descrição e compreensão da mesma.

As estruturas sintáticas utilizadas correspondem maioritariamente às estruturas das próprias EIs inventariadas. Podemos analisar, aleatoriamente, o caso de: “*beating: take a beating*” – em que a entrada começa com um verbo, o que acontece também na definição “sofrer danos por uso excessivo, ser ou estar maltratado, detonado”. É de realçar que, como acontece em qualquer dicionário, a entrada da EI é reduzida ao seu formato gramatical ‘neutro’ no infinito (se houver um verbo envolvido), e as formas nominais no singular e no masculino. No entanto, muitas das expressões não possuem essa estrutura. Seleccionemos o caso de: “*beats: it beats me (how, why, ...)*” – neste caso, a definição não tem a mesma estrutura, apresentando outra bastante recorrente em inúmeros casos no dicionário: “expressão usada na fala para dizer que algo é incompreensível.” Este tipo de frase iniciado por “expressão usada para dizer algo” é usual ao longo do dicionário, sendo estas as duas estruturas frásicas mais prototípicas a salientar. Estas estruturas prototípicas manter-se-ão ao longo de todo o dicionário devido ao objetivo com que o mesmo é produzido, sendo este a transmissão de informação científica. Quanto mais direta for a remissão para aquilo que se procura, mais eficazes serão a apreensão e o futuro uso da informação. Além disso, seria um pouco inconsistente e, possivelmente, incoerente a existência de entradas com uma grande elaboração gramatical enquanto outras teriam apenas algumas palavras a descrevê-las, pelo que as estruturas indicadas contribuem para uma uniformização do discurso ao longo de todo o dicionário, tornando-o equilibrado no modo de transmissão de conhecimento do início ao fim.

A conexão textual é simplesmente feita através de pontos finais, que separam as definições e os exemplos de frase, sendo que a tradução dos exemplos de frase é separada por uma barra à direita (/).

3.3.7. Componente pragmática

Relativamente ao objetivo ilocutório deste género textual, é-nos suficiente evidenciar que se destina à divulgação científica de informação linguística.

3.3.8. Componente enunciativa

A informação científica mencionada no ponto anterior é, neste caso, redigida e aprovada por especialistas da área, ou seja, um linguista e um especialista em teoria da comunicação.

O produtor do texto possui um estatuto privilegiado em relação aos indivíduos que possuem um conhecimento mais elementar da língua, visto que, como mencionado anteriormente neste ensaio, as expressões idiomáticas acarretam uma componente cultural que não é experienciada por todos os falantes (neste caso, não nativos) de uma dada língua; para além disso, algumas expressões poderão ter mais do que um significado, o que aponta também para a ideia de que nem todos os falantes dessa mesma língua conseguiriam preencher todos os campos necessários à tradução das expressões utilizadas.

No que diz respeito às marcas do enunciador no discurso produzido, dado ser um dicionário especializado da área da tradução, podemos afirmar que o redator deixa a sua marca implícita em todas as escolhas tradutivas que faz, já que cada opção tem de ser cuidadosamente analisada e avaliada antes de ser tornada oficial pelo autor, não existindo, no entanto, marcas diretas da sua presença através de expressões como “na minha/nossa opinião”, entre outras. Para além disso, existem entradas cuja expressão possui mais do que uma tradução possível, podendo nós, por isso, constatar que os autores optaram por transmitir todas as aceções permitidas pelas expressões idiomáticas integradas no dicionário. Ainda assim, não existem marcas gramaticais da presença do “eu”.

3.4. Marcadores de género textual (dicionário de português–alemão)

Relativamente ao segundo dicionário em estudo (*Dicionário idiomático – português–alemão*, Schemann & Schemann-Dias), algumas das dimensões propostas por Adam manter-se-ão inalteradas, pois não variam de dicionário para dicionário, como é o caso das dimensões metatextual, peritextual, pragmática, semântica, e ainda a enunciativa. Posto isto, analisaremos, então, as componentes que registam efetivamente diferenças em relação ao primeiro dicionário.

3.4.1. Componente estrutural/composicional

Este dicionário apresenta uma estrutura bastante diferente do primeiro. Possui uma longa parte introdutória, dividida em diferentes secções, cada uma delas em português e com a respetiva tradução em alemão, indo esta da página I à página XLVII. As secções que constituem esta introdução são o prefácio; uma denominada “ordem alfabética”, que nos indica que as expressões idiomáticas do português foram ordenadas alfabeticamente, apresentando quais os critérios decisivos para esta ordem, nomeadamente (p. VIII e X):

1. Se a expressão tem um **substantivo**, é este que decide na ordem alfabética. (...)
2. Se a expressão não tem substantivo, mas sim um **verbo**, é este que conta. (...)
3. Se a expressão não tem substantivo nem verbo, conta, caso exista, o **adjectivo**. (...)
4. Se também não há adjectivo, é o **adverbio** que conta. (...)
5. Se faltam todas as categorias indicadas, contam **pronomes, interjeições, partículas**, etc., sendo neste caso a constituinte da expressão sobre que acenta o centro da sua significação aquela que importa. (...)
6. Se uma expressão tem **duas ou mais constituintes da mesma categoria e do mesmo “nível”**, conta a **constituinte que se encontra em primeiro lugar**. Se há **vários substantivos**, conta **sempre o primeiro**, indiferentemente do “nível” que possa ter. (...)
7. **Quando em várias expressões, de ponto de vista alfabético, a palavra decisiva é a mesma**, são **as restantes constituintes** que decidem sobre a ordem (...)
8. **Expressões que só aparecem em determinadas formas, estão ordenadas segundo estas formas** – portanto não segundo uma “forma-base”, do ponto de vista idiomático não existente. (...)
9. Para a ordem alfabética **não contam variantes do contexto** (assinaladas por traços verticais inclinados: *ler/ver/... qc. (só) por alto*). (...)
10. **O que decide da categoria de um lexema é a sua função na expressão idiomática**. Assim, em *estar entre as dez e as onze*, **dez** conta como substantivo, exactamente como **onze**, etc. Esta secção é seguida de uma com o nome de “observações gerais sobre os equivalentes”, que antecede a secção “sinais”, que nos fala de todas as abreviaturas que são usadas neste dicionário, além do significado de alguns sinais de pontuação que adquirem uma função específica neste contexto. A secção seguinte intitula-se “os pressupostos metodológicos do «dicionário idiomático português – alemão»”, dividindo-se em cinco subsecções, sendo elas “1. A investigação idiomática e os seus objetivos”, “2. Expressão idiomática e transposição”,

“3. Contexto e expressão idiomática”, “4. Princípios linguísticos gerais («universalia») e a sua expressão específica nas diversas línguas” e “5. Expressão idiomática e tradução”. Segue-se, no final desta secção, a bibliografia.

De seguida, são-nos apresentadas todas as EIs contidas no dicionário, dispostas em português com o equivalente em alemão ao lado, seguidas de exemplos de utilização das expressões em português. Não há muito mais a salientar; apenas que, quando existe mais do que um equivalente em alemão para a EI em português, estes aparecem em forma de lista numérica, tal como podemos visualizar na imagem abaixo:

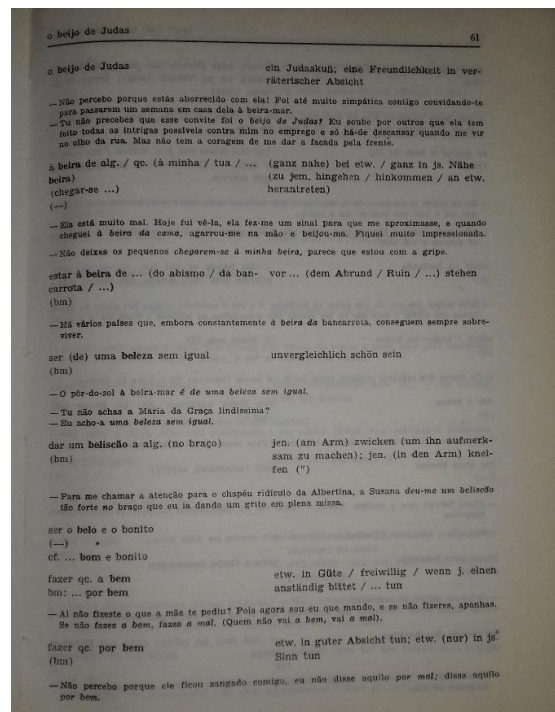


Imagem 2

3.4.2. Componente material

A componente material é claramente diferente, dado este tratar-se de um dicionário em suporte de papel, de capa dura. No cimo de cada página, temos o número da mesma, assim como uma menção da primeira EI que surge nessa mesma página. As partes textuais que surgem a negrito são bastante específicas, não se tratando, por exemplo, da EI completa

ou do seu equivalente, mas sim dos sintagmas que, por assim dizer, podem ser considerados idiomáticos na expressão.

3.4.3. Componente estilística e fraseológica

No que diz respeito à estrutura sintática das frases apresentadas no dicionário, temos alguns pontos a salientar, nomeadamente a apresentação das EIs, que surgem de forma diferente da que constava no dicionário que apresentámos anteriormente, já que neste apenas surge a expressão com o equivalente em alemão. Além disso, temos depois exemplos de situações em que poderemos observar as diferentes expressões em uso; aqui, já podemos observar frases que respeitam as normas gramaticais e de uso nas línguas, ou seja, quando temos um exemplo completo com mais do que uma oração, como o exemplo que designamos abaixo:

Exemplo com a expressão “ter razão de ser”: O que ele diz **tem uma razão de ser**, não é tão disparatado como vocês querem fazer crer. Vendo bem, é uma ideia até muito razoável.

A nível de conexão textual, podemos observar a EI em português, à esquerda, colocada paralelamente ao equivalente em alemão, à direita. Os exemplos de uso das EIs são introduzidos por um travessão. As ligações frásicas são efetuadas normalmente por vírgulas e pontos finais. Observemos a seguinte imagem que nos elucidará quanto à conexão textual:

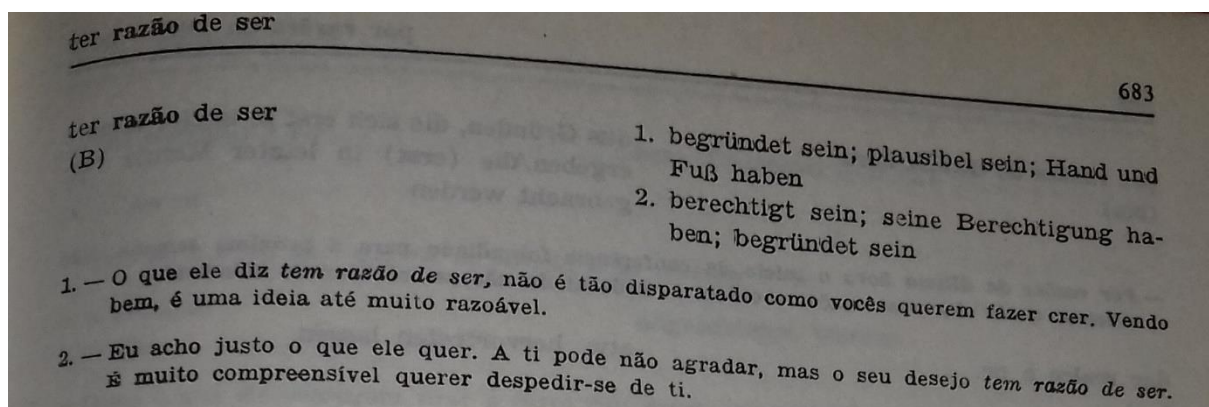


Imagem 3

3.5. Análise dos dicionários

3.5.1. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglês-Português*, da editora Melhoramentos

Nesta secção, serão explorados possíveis problemas de tradução localizados neste dicionário, quer relativamente aos significados apresentados, quer no que diz respeito à forma como os mesmos são expostos, isto é, poderão surgir sugestões de melhoramento da apresentação dos resultados de cada verbete.

Dado o motivo de escolha do tema desta dissertação, isto é, já que a ideia para esta dissertação surgiu de uma paródia da música *Dark Horse*, o nosso objetivo inicial seria, pelo menos para a revisão dos exemplos em inglês, procurar expressões que contivessem a palavra *horse* como palavra que encabeçasse as EIs a serem tratadas; no entanto, não encontramos nenhuma expressão na qual esta palavra fosse o conceito-chave da mesma. Conseguimos, ainda assim, pelo menos uma expressão que contivesse esta palavra, nomeadamente a exposta na Amostra 6. A escolha de todas as outras expressões não foi propriamente aleatória, pois tentámos sempre mostrar EIs com um forte grau de idiomaticidade e, por vezes, com uma carga cultural que não pode ser ignorada, e EIs que, à primeira vista, não nos pareceriam EIs, como a da Amostra 5.

Analisemos diferentes entradas, sempre identificadas como “Amostra x”⁵⁵:

ace: have an ace up one's sleeve ter vantagem para ser usada quando necessário, ter um trunfo, ter uma carta na manga. *The Japanese team has an ace up their sleeve. They have refused to announce the players that are going to play in the World Cup.* / A seleção japonesa tem uma carta na manga. Eles se recusaram a anunciar os jogadores que jogarão a Copa do Mundo.

Amostra 1

São apresentadas três definições, que servem o propósito da expressão em inglês. No entanto, a primeira parte do esclarecimento é aquela que consiste numa verdadeira definição, enquanto as outras duas são equivalentes (mais ou menos idiomáticas) da expressão em inglês. É de salientar que a palavra trunfo existe também em inglês (*trump; trump card*), pelo que a expressão em inglês seria perceptível caso fosse usada com a palavra *trump* em vez de *ace*, embora estivesse incorreta, pois esta será uma das EIs cuja estrutura é invariável – aqui, é necessário ter em mente a metáfora subjacente a *ace* e à

⁵⁵ Será de frisar que se trata de expressões do português do Brasil e não de Portugal.

palavra portuguesa “trunfo”: ambas as palavras estão relacionadas com jogos de cartas, sendo, em contextos ou circunstâncias diferentes, as cartas mais altas do jogo (*ace* corresponderá ao nosso “ás”, usualmente a carta mais alta em todos os jogos de cartas, e o nosso “trunfo” será a carta mais alta, capaz de “limpar” todas as outras jogadas, independentemente do valor das outras cartas). A “manga”, conceito usado em ambas as expressões (*sleeve* em inglês) pode revelar que algo está escondido, pois aquilo que está debaixo da manga não se vê. Posto isto, pensamos que as EIs dadas como equivalentes são as ideais. No entanto, na explicação “ter vantagem para ser usada quando necessário”, faltará acrescentar algo que mostre que a vantagem é, efetivamente, desconhecida, propondo a solução “ter uma vantagem para ser **revelada e usada** quando necessário”, dado que pode ser anunciada a existência de uma vantagem sem que a mesma seja revelada.

Recuperamos aqui o que foi dito atrás no apartado 1.2 sobre a questão da metáfora conceptual e a forma como esta se encontra cristalizada em muitas EIs. Já naquele momento utilizamos este exemplo para explicar as metáforas estruturais, nomeadamente a metáfora da vida como jogo, expressa em “*life is a gambling game*”, ou, em português, “a vida é um jogo”. Tal como dissemos no apartado supramencionado, a expressão em inglês sugere que a vida será vista como um jogo de apostas, em que fazemos escolhas e, mais tarde, enfrentamos as consequências dos nossos atos. Em português, inclusive, para dizermos que uma pessoa se encontra, por exemplo, viciada em idas ao casino, dizemos simplesmente “a pessoa x está viciada no jogo”, o que demonstra já o significado contextual (vd. secção 1.5.) que a palavra “jogo” poderá adquirir.

Passemos, seguidamente, à análise do nosso segundo exemplo:

black: be the black sheep of the family ser a ovelha negra da família. *Mary is the black sheep of the family.* / A Mary é a ovelha negra da família.

Amostra 2

Em relação a esta EI, a definição é bastante mais curta do que a apresentada na Amostra 1, o que se deve à existência de um correspondente na língua de chegada, não se tratando de um correspondente qualquer, mas sim de um correspondente literal que pode ser encontrado em ambas as línguas – estando a única diferença sintática relacionada com a

anteposição do adjetivo em inglês, que se revela sempre obrigatória. Ainda assim, é necessário ter um certo cuidado com expressões deste género, pois a palavra principal desta expressão, *black*, permite duas traduções em português, sendo elas “preto” e “negro” – apesar de sinónimos bastante aproximados, no caso de EIs com a palavra *black*, será necessário conhecer os possíveis correspondentes literais em português, pois não existe nenhuma regra que dite que a tradução de *black* terá de ser “negro”. Isto para dizer que, se usássemos um correspondente como sendo “ser a ovelha preta da família”, essa expressão teria de ser marcada como incorreta, pois não seria reconhecida por nenhum falante nativo da língua (ou não nativo com um vasto conhecimento da cultura de língua portuguesa).

De relevar aqui também a metáfora conceptual que, idêntica à que se revimos no apartado 1.3., “couch potato”, permite descrever atributos de seres humanos através de determinados atributos de seres animais ou vegetais, diminuindo a distância que separa os dois universos conceptuais.

Vejamos, de seguida, a amostra 3:

catch: catch one's breath 1 perder o fôlego (geralmente quando assustado ou maravilhado). *I caught my breath when I saw the bill for the house repairs.* / Eu perdi o fôlego quando vi a conta da reforma da casa. 2 Amer recuperar o fôlego. *Let's stop for a minute and catch our breath before we go on.* / Vamos parar por um minuto e recuperar o fôlego antes de continuar.

Amostra 3

A Amostra 3 apresenta-nos uma expressão que pode ter mais do que um significado, dependendo do contexto em que é utilizada. Aqui podemos ver verdadeiramente a componente cultural que cada expressão traz consigo, dado que a segunda definição se aplica à cultura americana (revelado pela abreviatura *Amer*, que surge, em alguns casos, em oposição à abreviatura *Brit*). Esta expressão em particular poderá representar um verdadeiro desafio para o tradutor, por muito comum e informal que a expressão possa parecer. Alguns elementos deverão ser tidos em conta, nomeadamente a situação discursiva em que o enunciado é proferido, particularmente a informação geográfica, ou seja, se o enunciado é usado em solo/contexto americano ou britânico. Remetendo para o discurso escrito, será fácil localizar esta expressão no espaço, i.e. na cultura de origem, pois a grafia utilizada pode facilmente denunciá-la, tendo em mente a distinção de que o

que se escreve com z é americano e o que se escreve com s é britânico. Por isso, para que seja entendida na sua totalidade, muitas vezes não basta mencionar qual a frase em que a expressão surge, sendo necessária, talvez, uma análise mais ampla, nomeadamente do texto completo em que surge.

O significado da expressão será mais perceptível aqui neste dicionário (devido à explicação detalhada, incluindo o pormenor entre parêntesis, e aos exemplos específicos reportados) do que poderia vir a ser noutro contexto. Aliás, quanto à primeira tradução, “perder o fôlego”, caso não houvesse o esclarecimento entre parêntesis que nos indica em que situação é utilizada a expressão, poderíamos usar exatamente na mesma frase em inglês, *I caught my breath when I saw the bill for the house repairs*, e atribuir-lhe o segundo significado, justificando que o enunciador “recuperou o fôlego” de alívio ao ver a conta, que poderia ser mais baixa do que o esperado; isto porque podemos ver, pelo esclarecimento, confrontando-o com a situação do enunciado, que a primeira expressão terá uma conotação mais negativa, ao passo que a segunda já será mais literal. Posto isto, penso que a inclusão desta pequena nota entre parêntesis foi uma boa opção dos autores de modo a poderem tornar o significado mais explícito.

Consideremos agora a nossa amostra 4:

blood: have blood on one's hands ser responsável pela morte de alguém. *Few people knew that Adam had the blood of three innocent people on his hands.* / Poucas pessoas sabiam que o Adam era responsável pela morte de três pessoas inocentes.

Amostra 4

Neste caso é bastante evidente qual a metáfora subjacente a esta expressão. Para a compreensão desta EI, nunca poderíamos interpretá-la no seu sentido literal, dado que “ter sangue nas mãos” seria uma situação normal, por exemplo, caso uma pessoa se magoasse e ficasse com as mãos ensanguentadas. Neste caso, é evidente que está presente a ideia da morte e da responsabilidade pela morte de alguém representada pelo derramar de sangue, nomeadamente quando alguém é baleado, ou então, remetendo para tempos mais distantes, quando alguém era vencido numa batalha e, entre outras situações, perfurado por uma espada ou qualquer objeto usado em combate. O importante na metáfora que se gera é que se verifica a transferência do derramar de sangue enquanto

elemento físico indicador de ferimento e de morte para o derramar de sangue enquanto elemento indicador da responsabilidade psicológica de alguém na morte de outro. É de salientar que esta expressão poderá ser usada com a estrutura apresentada a negrito, isto é, indicando apenas que alguém matou, ou de acordo com o exemplo dado, no qual é acrescentada a informação relativa ao número de pessoas que foram mortas (ou até, possivelmente, informação específica relativamente a quem foi morto). A expressão não carece de uma explicação muito extensa, todavia é de salientar que neste caso os tradutores não optaram por indicar um equivalente cultural na língua de chegada para esta EI, limitando-se a fazer a leitura e explicitação da metáfora subjacente na EI. Poderíamos argumentar que, em português, “ter as mãos manchadas de sangue” seria um equivalente pragmático passível de ser empregue nesta situação, pelo menos no que diz respeito ao português europeu.

O exemplo seguinte vem de um domínio temático distinto:

close: close a deal fechar um negócio. *We closed a deal with a French company which will supply us with engine parts.* /Nós fechamos negócio com uma empresa francesa que nos fornecerá peças de motor.

Amostra 5

A amostra 5 mostra-nos uma expressão fácil de entender, pelo menos para uma pessoa que tenha o português como língua materna, visto que podemos estabelecer um paralelo com a nossa expressão “fechar um negócio”. O verbo utilizado (*close*, que é indicado como elemento que adquire um sentido figurado) é aquele que usamos também na expressão em português. Dado que existe um equivalente literal e funcional em português, é normal que, à primeira vista, esta não pareça tratar-se de uma EI. A escolha desta expressão deveu-se precisamente ao facto de pretendermos salientar que as metáforas conceptuais cristalizadas nas EI’s recaem por vezes em pequenos deslizes de sentido, neste caso de “fechar” no seu sentido nuclear de evento físico para “fechar” num sentido mais mental de “completar”, “encerrar”, que se tornam rotinas já não sentidas como metafóricas.

De seguida, avançaremos para a amostra 6:

flog: flog a dead horse *Brit inf* desperdiçar esforço tentando fazer algo que não é mais possível, esforçar-se à toa. *To be honest, I think you're flogging a dead horse trying to teach Allan how to drive.* / Para ser honesto, eu acho que você está se esforçando à toa tentando ensinar o Allan a dirigir.

Amostra 6

Antes de mais, para a compreensão desta EI, será necessário traduzir o verbo *flog*, que se entende em português como “fustigar”, “chicotear” ou “açoitar”. Após conhecermos o verbo *flog* e o seu significado, podemos constatar que esta EI carece forçosamente de uma explicação para que possa ser entendida na sua totalidade. A metáfora subjacente a esta EI será a da morte como algo irreversível; aquilo que é irreversível jamais poderá ser alterado e, portanto, lutar contra o inelutável significa um esforço inútil. Assim, não será por “chicotearmos um cavalo morto” que este voltará a mexer-se – conseguimos visualizar, justamente devido ao poder metafórico da EI, o que é um esforço inútil. Para nos ajudar a compreender esta EI, podemos associá-la ao ditado português “só a morte é que não tem remédio”, assim como a “o que não tem remédio, remediado está”, usados para dizer que, por muito más que possam ser as consequência de uma escolha que tomemos na vida, nada será tão derradeiro como a morte, o que quer dizer que, independentemente do resultado das nossas ações, os maus atos poderão sempre ser emendados e nenhuma desgraça deverá ser vista, na realidade, como uma desgraça. É aqui que vemos a informação cultural que cada expressão acarreta: em inglês, é usada a expressão relacionada com a morte e esta é aplicada a todos os casos em que algo que se faça seja inútil, enquanto que, em português, é usada a morte como extremo, o único caso em que nada pode ser remediado, podendo o segundo ditado, “o que não tem remédio, remediado está”, ser vista como um equivalente funcional nesta situação. No entanto, a expressão em português pode ajudar-nos a captar o sentido da EI em inglês, visto que em ambas as línguas/culturas existe concordância quanto ao facto de, depois da morte, nada poder ser feito ou alterado. Pensamos que, neste caso, a melhor estratégia a adotar na tradução desta EI seja explicitar a expressão no texto ou empregar um equivalente pragmático (vd. p. 36), de modo a que a informação contida no enunciado não seja perdida.

À semelhança do que se passou na amostra relativa à EI ‘have blod on one’s hands’, também neste caso os autores optaram por não indicar um correspondente pragmático, situação que contestamos.

Passemos para a revisão da amostra seguinte:

item: be an item estar envolvido em relação amorosa, estar junto (formando um casal). *Have you heard? Dave and Francine are an item.* / Você está sabendo? O Dave e a Francine estão juntos.

Amostra 7

Na amostra 7 temos um exemplo de uma EI cuja ideia poderá, à primeira vista, ser indecifrável. Para nós, em português, um item será apenas tido como um componente de algo. Ora, ao vermos que “alguém é um item”, deduziríamos que alguém faz parte de algo e apenas isso. Já a expressão em si leva a noção de “pertencer a algo” um pouco mais além, especificando, ainda que não explicitamente, do que se trata esse “algo”: um casal. Poderíamos, ainda assim, ver a situação por outro prisma, afirmando que, se duas pessoas formam um item, são então tratadas como se fossem um só; e assim funciona quando duas pessoas formam um casal. Quando legalmente juntas, grande parte dos benefícios sociais de um elemento serão os o outro, assim como as desvantagens. A melhor estratégia a adotar neste caso poderia ser explicitar a informação no texto, dado que uma tradução literal não funcionaria, como vimos acima, e, mesmo que esta fosse acompanhada de nota explicativa, a nota seria demasiado extensa, deixando-se, assim, esta estratégia para segundo plano, optando pela mesma apenas caso outras não funcionassem.

Na amostra seguinte, temos a seguinte ocorrência:

nerve: have a nerve (to do something) *inf* ter a ousadia, coragem, cara de pau (de fazer algo). *Francine had a nerve to ask me for a favor after the way she treated me!* / A Francine teve a cara de pau de me pedir um favor depois da forma como ela me tratou!

Amostra 8

Na EI apresentada na amostra 8, a palavra *nerve* (nervo, em português) adquire um novo significado que não será, em princípio, dedutível quando ouvimos esta expressão pela primeira vez. Aqui estamos na presença de uma metáfora ontológica (vd. p. 23), dado que a palavra *nerve* adquire uma condição que, no início, não lhe era inerente. Digna de análise será, então, esta nova condição que a palavra *nerve* possui, assim como o motivo pelo qual a adquire. Alguns dicionários já reconhecem a palavra *nerve* não só como

“nervo”, mas também como “descaramento”, “desplante”, ou “atrevimento”⁵⁶. A razão pela qual esta característica é transposta para a palavra *nerve* será até evidente; quando um falante menciona que “alguém teve o desplante de fazer alguma coisa”, essa expressão é usada para indicar que a ação desse alguém não foi bem recebida, podendo, assim, ter enervado a pessoa sobre quem recaiu a ação. A palavra ‘descaramento’ traduz também de forma aceitável o facto de uma dada pessoa, mediante uma dada iniciativa inesperada e atrevida, mostrar uma ‘cara’ ou ‘face’ socialmente pouco aceitável, perdendo, assim a sua ‘face’ e pondo em risco a ‘face’ do interlocutor. Esta perda de face é traduzida pela palavra *desfaçatez*, também aceitável neste contexto⁵⁷. A tradução que o dicionário nos apresenta poderá, eventualmente, ser a tradução adequada, quando nos mostra “cara de pau” como equivalente pragmático. Em português de Portugal, já seria utilizada a expressão “ter a lata /desplante /descaramento /desfaçatez de fazer alguma coisa”. Dado haver dicionários que reconhecem a palavra *nerve* como “desplante”, palavra também frequentemente utilizada em Portugal, poderíamos optar por usar uma das palavras sugeridas como tradução para *nerve*, não perdendo, assim, qualquer informação que a EI contenha. Aqui, a solução dependeria da situação discursiva em que a EI surge, visto que “ter a lata de fazer alguma coisa” poderá ser catalogada como uma expressão mais informal do que “ter o desplante/atrevimento/desfaçatez/descaramento de fazer alguma coisa”.

A amostra 9 será um bom exemplo de outra metáfora ontológica:

open: open one’s heart (to someone) revelar os sentimentos, segredos, problemas etc. (a alguém), abrir o coração (para alguém). *Janet finally opened her heart to Peter and confessed her love for him.* / A Janet finalmente abriu o coração para o Peter e confessou o seu amor por ele.

Amostra 9

Podemos associar esta EI à metáfora *the mind is a container*, que nos é apresentada por Lakoff e Johnson quando os autores tentam clarificar o que são metáforas ontológicas. Assim, também poderíamos dizer *the heart is a container*, i.e. “o coração é um contentor”, sendo um contentor no qual estão contidos diferentes sentimentos, como clarificado pela

⁵⁶ <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/nerve> [em linha]. Consultado a 12-09-2016.

⁵⁷ Referimo-nos aqui ao conceito de face introduzido por Goffman (xxxx) na sua teoria sobre a interação quotidiana.

tradução exposta no dicionário em estudo. Em português usamos igualmente a expressão “abrir o coração a/para alguém” (tal como utilizamos “mente aberta”, que reflete *the mind is a container*). Dada a existência em português de um equivalente próximo, podendo nós correr o risco, até, de dizer “equivalente literal”, a melhor solução tradutiva será, em princípio, a exposta na amostra 9, pois toda a informação veiculada pela EI será mantida e não existirá qualquer risco de falhas de interpretação por parte do recetor da tradução. Apesar disso, também poderíamos, na nossa opinião, explicitar a informação no texto, tal como na primeira proposta de tradução da amostra 9, em que temos “revelar os sentimentos, segredos, problemas, etc.”

Consideremos, de seguida, a amostra 10:

put: put up a good fight lutar ou competir bravamente (em geral contra alguém ou algo mais forte).
The school team put up a good fight. Unfortunately they didn't win the match. / O time da escola lutou bravamente. Infelizmente, eles não venceram a partida.

Amostra 10

A amostra 10 mostra-nos uma EI particularmente interessante, na medida em que, entre outros componentes, possui um *phrasal verb*, que encabeça a expressão. Por si só, a descodificação deste verbo já requer uma pesquisa mais aprofundada, de modo a que possa ser conseguida uma boa tradução para o mesmo. Além disso, é necessário transmitir a ideia de que o desafio ao qual a EI se refere é difícil. Segundo o dicionário *online* consultado acima, o verbo *put up* terá como significado “montar”, “hospedar”, “erigir”⁵⁸; ora, tendo estes verbos como base para a análise desta EI, não poderemos, de qualquer forma, traduzir literalmente o verbo, pelo que esta estratégia se encontrará fora do nosso leque de opções. Esta situação torna clara a diferença explicitada no início do nosso enquadramento teórico sobre composicionalidade e idiomaticidade, na medida em que numa expressão como a que estamos a analisar o resultado da totalidade da expressão não pode ser colhido através do resultado das partes que a compõem. Teremos, então, de optar por outra estratégia de tradução. O melhor, no nosso entendimento, será explicitar a informação no texto, de modo a evitar mal-entendidos, tal como podemos ver na proposta de tradução da amostra 10. Todavia, a tradução que os autores escolheram para esta EI apresenta, no nosso entendimento, uma pequena falha, nomeadamente no sentido em que

⁵⁸ <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/put-up> [em linha]. Consultado a 12-09-2016.

não expõe claramente que, no caso do exemplo dado, o jogo que “o time da escola” jogou se realizou contra alguém tido como mais forte. Esta é uma informação pragmática que se encontra implícita no significado contextual desta EI (ver acima apartado 1.5 sobre a diferença entre significado potencial e significado contextual) e que suplanta o significado potencial da mesma, já que tem em conta o tipo de contexto pressuposicional em que esta EI ocorre e os subentendidos que ativa. Deste modo, poderíamos propor igualmente uma tradução com base na explicitação, mas que incluísse a informação de que a equipa contra a qual se jogou era tida como mais forte; assim, teríamos, a título de exemplo, “tendo em conta o time adversário, o time da escola lutou bravamente. Infelizmente, eles não venceram a partida”.

Poderíamos também considerar na hipótese de propor como equivalente pragmático a EI portuguesa ‘dar luta’ que inclui os requisitos semânticos e pragmáticos necessários para ser considerada um possível equivalente pragmático da expressão inglesa em estudo.

Vejamos agora a amostra 11:

set: set a bad example dar um mau exemplo. *I think she set a bad example for the other employees.* / Eu acho que ela deu um mau exemplo para os outros funcionários.

set: set a good example dar um bom exemplo. *Try to set a good example for the kids!* / Tente dar um bom exemplo para as crianças!

Amostra 11

O carácter idiomático destas expressões tem a ver precisamente com o verbo que as encabeça: *set*. Em português, em vez do verbo *set*, que poderá ter inúmeras traduções possíveis, utilizamos o verbo “dar”, ou, por vezes, o verbo “ser”; dizermos que “ela deu um mau exemplo para os outros funcionários” ou “ela é um mau exemplo para os outros funcionários” terá, em princípio, o mesmo significado, distinguindo-se apenas o facto de, com o verbo “dar”, descrevermos um ponto no tempo, enquanto que, com o verbo “ser”, descrevemos um estado. A tradução exibida na amostra 11 poderá ser tida como um equivalente pragmático, que se encontra perfeitamente adequado à situação, dado que a tradução literal, neste caso, não funcionaria e a explicitação do conteúdo da expressão passaria igualmente pelo uso do verbo “dar” ou, noutros casos, do verbo “ser”.

A idiomaticidade da expressão decorre do facto de a palavra ‘exemplo’ na expressão em causa se despir do seu significado literal e assumir um significado não literal passível de ser descrito como ‘modelar’, sentido que não se cristalizou no nome ‘exemplar’ que continua apenas a significar ‘um caso específico de’, ‘uma ocorrência de’ não necessariamente bom, mas que se cristalizou no adjetivo ‘exemplar’, que significa sempre ‘modelar’.

Consideremos seguidamente a amostra 12:

balloon: when the balloon goes up *inf* quando um problema ou evento importante começar, quando algo der errado, quando o circo pegar fogo. *You'd better leave before they arrive. You don't want to be here when the balloon goes up, do you?* / É melhor você ir embora antes de eles chegarem. Você não vai querer estar aqui quando o circo pegar fogo, vai?

Amostra 12

Para encerrar o estudo deste dicionário, analisaremos a expressão na amostra 12. É clara a presença de uma metáfora orientacional, quando temos o verbo *go up*, ou seja, “subir”. A ideia de que um problema ou um evento começará assim que algo subir (neste caso, o balão) será perfeitamente comparável a quando acordamos e nos levantamos; é depois de nos levantarmos que começa o nosso dia. Assim como, por exemplo, é depois de as cortinas subirem que começa um espetáculo. Apesar de a metáfora orientacional ser bem perceptível neste caso, o significado da expressão não é claro a uma pessoa que veja a EI pela primeira vez. Aliás, o significado de tal enunciado apenas poderá ser compreendido após um estudo mais aprofundado do mesmo. Será possível tanto explicitar a informação no texto ou então a escolha de um equivalente pragmático poderá transmitir a ideia pretendida. Será de notar que o equivalente pragmático escolhido pelos autores, “quando o circo pegar fogo”, poderá também estar relacionado com uma metáfora orientacional, podendo estabelecer-se uma relação com *go up in flames* em inglês, que reflete o movimento ascendente das chamas quando algo se incendeia.

Recuperando Fillmore *et al.* (vd. secção 1.1), os autores atestam que as EIs são “maiores do que palavras e funcionam como palavras, no sentido em que devem ser aprendidas separadamente, como uma unidade só, mas que também possuem uma estrutura gramatical”, como vimos na secção mencionada. Tal noção de idiomaticidade poderá ser contraposta à de composicionalidade que, tal como vimos com Valentim, na mesma

secção, se define pelo facto de o significado de uma frase ser determinado pelo significado dos elementos que a constituem e pela forma gramatical como estes se encontram combinados. Ora, se analisarmos a expressão à luz deste princípio, evidentemente não entenderemos qual o verdadeiro objetivo comunicativo da mesma, e essa será a primeira intuição do falante que vê a expressão pela primeira vez. Ainda na mesma secção, pudemos ver que Pelletier (1994) recupera diversos autores e a definição que cada um deles dá ao princípio da composicionalidade. Por fim, relevantes serão igualmente os critérios de determinação do grau de idiomaticidade e/ou composicionalidade de uma expressão que nos são dados por Rio-Torto (vd. p. 15).

3.5.2. *Dicionário idiomático português – alemão*

Passaremos à análise da tradução de algumas das EIs contidas neste dicionário, também designadas por “Amostra x” ao longo do nosso estudo⁵⁹.

A amostra 13 recolhida deste dicionário é a que trascrevemos a seguir:

Escapar-se como uma **enguia** (a decisões/...) – sich (Entscheidungen/...) aalglatt entziehen
Amostra 13

Na EI apresentada na amostra 13, temos a oportunidade de ver uma correspondência direta, não em termos lexicais, mas sim em termos da metáfora subjacente ao enunciado, visto que, na expressão em português, temos o substantivo “enguia” e, na expressão em alemão, temos o advérbio *aalglatt*, que consiste num composto de *Aal* (enguia) e *glatt* (liso); para a compreensão desta EI, será importante mencionar que a metáfora com o adjetivo *glatt* é também usada na expressão *glatt laufen*, que corresponde ao nosso “correr bem”⁶⁰. É evidente, aqui, que o termo enguia é usado por este animal possuir características que fazem com que seja difícil apanhá-lo, conseguindo, assim, escapar facilmente de quem o tenta agarrar; o mesmo acontecerá, então, com a decisão à qual a pessoa se escapa. Na expressão em alemão, teremos duas metáforas: a da enguia, animal que se escapa facilmente, e a do adjetivo *liso*, relacionada com a ideia de que uma

⁵⁹ Todas as amostras desta secção são retiradas do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*.

⁶⁰ Por exemplo, quando temos *Wenn alles glatt läuft, bestehe ich alle Prüfungen* – Se tudo correr bem, passo a todos os exames.

superfície lisa permitirá um melhor deslize e, assim, uma maior facilidade de deslocação. Assim sendo, parece-nos adequada a utilização deste equivalente em alemão, dado transmitir a mesma ideia usando uma expressão que veicule a mesma metáfora do que a EI em português.

A amostra 14 ilustra um caso diferente:

Pedir **esmola** (bm) – *betteln*

Amostra 14

A amostra 14 mostra-nos um bom exemplo de um verbo que não se deixa traduzir por um equivalente que fosse também composto exclusivamente por um verbo. O verbo alemão *betteln* possuirá um equivalente direto em português, sendo este o verbo “mendigar”; mesmo assim, a decisão dos autores não seria considerada errada, parecendo-nos também adequada. O verbo *betteln*, em alemão, pode ser usado como verbo transitivo ou intransitivo, tal como em português (com a pequena diferença de que, em alemão, o verbo teria de ser acompanhado pela preposição *um*). Já relativamente ao substantivo que deriva deste verbo, *die Bettelei*, poderíamos dizer *Die Bettelei ist gesetzlich verboten* para transmitir a ideia de que o ato de pedir esmola é proibido por lei; no entanto, a única forma de mantermos a mesma estrutura da EI seria através da substantivação de um verbo, que poderia, ainda assim, não transmitir toda a informação necessária. Para a tradução do substantivo *Bettelei*, teríamos, na mesma, de optar pelo uso de “mendigar” ou “pedir esmola”, dado não existir um equivalente direto em português. É certo que alguns dicionários poderão dar “mendicidade” como tradução para *Bettelei*, mas esta não nos parece a tradução mais correta, dado que a mendicidade corresponderá ao facto de uma pessoa ser mendiga (ou seja, descrevendo um estado, uma situação), enquanto que *Bettelei* corresponderá ao ato de pedir em si, revelando-se duas coisas distintas.

3.6. Finalização do estudo

Este estudo permitiu-nos, então, decodificar várias EIs da língua inglesa e da língua alemã, confrontando-as com os seus equivalentes em português. Após esta análise, pudemos concluir que existem expressões que desafiam verdadeiramente as regras

impostas pela gramática de uma língua, além de possuírem, por vezes, uma carga cultural que lhes confere uma identidade única dentro do vocabulário da língua. Ainda assim, podemos ver que, por muito desafiante que seja a tradução destas expressões, conhecidas pelo nome de expressões idiomáticas, existem várias estratégias tradutivas que nos permitem transpor a mesma ideia e o mesmo objetivo comunicativo de uma língua para a outra. É certo que, numa primeira impressão, a aplicação de um equivalente pragmático pode parecer ser sempre a solução preferível e adequada. No entanto, provámos que existem expressões que não possuem equivalentes que possam ser aplicados, pelo que será sempre necessário acompanhar a tradução literal de uma nota explicativa, ou até parafrasear a expressão de forma a que a ideia a ser veiculada se torne clara.

Considerações finais

Após este estudo sobre as EIs e as estratégias que melhor se adaptam à sua tradução, poderemos tecer algumas considerações relativamente a todos os aspetos que foram abordados neste trabalho, que acabaram por se revelar essenciais para a sua redação.

Em primeiro lugar, podemos enunciar dois dos tópicos mais importantes para a conceção deste estudo, nomeadamente o princípio da composicionalidade e o conceito de “metáfora conceptual”.

Através da abordagem do princípio da composicionalidade podemos ver um dos primeiros desafios subjacentes à tradução das EIs, i.e., é-nos possível ver que, como mencionado ao longo deste trabalho, uma das dificuldades será conseguir decifrar até que ponto uma expressão poderá ser compreendida através da interpretação “da soma de todos os seus elementos”. É certo que cada expressão possuirá o seu grau de composicionalidade; quer isto dizer que cada expressão deverá ser avaliada de forma diferente quanto ao seu grau de composicionalidade, não podendo nós assumir, por exemplo, “se a expressão *x* é composicional, a expressão *y* será composicional também por conter certos elementos em comum”. A análise do nível de composicionalidade de um enunciado deverá ser, portanto, considerada como situacional, dependendo do contexto em que cada enunciado se insere.

A metáfora conceptual mostra-se também importante para que possamos compreender qual a ideia-base que deu origem à EI, de modo a que nos seja igualmente possível encontrar a melhor tradução para a expressão a ser transposta para outra língua. Além disso, a metáfora subjacente a cada expressão vem, muitas vezes, acompanhada de uma carga cultural evidente, daí inclusive alguns autores chamarem a certas EIs “idiomatismos culturais” (Ortweiler, 1988: 43). Esta informação cultural que as EIs veiculam é um dos fatores que nos poderá ajudar a decidir qual será a melhor estratégia a empregar na tradução das EIs, ou seja, se optamos por uma tradução literal acompanhada de nota explicativa, ou pelo uso de um equivalente pragmático que melhor se adegue à situação.

Esta tese coloca em confronto um conjunto vasto de tipologias diferentes propostas por diferentes autores para esta área das expressões idiomáticas, chegando a ser feita uma sugestão de arrumação da área, nomeadamente propondo a existência de uma categoria hiperónima – as UFs ou unidades fraseológicas – que depois se desdobra em várias subcategorias entre as quais se contam as EIs. Na tese também se propõem alguns critérios distintivos para estas diferentes categorias, cujas fronteiras são muito difíceis – se não, por vezes mesmo impossíveis – de traçar. Com o apoio de um conjunto de autores de referência, quer no domínio dos Estudos Linguísticos, quer no domínio dos Estudos da Tradução, foi possível reunir uma gama de marcadores que caracterizam estas UFs no seio de outras expressões. São unidades, como vimos, que respondem a um princípio da idiomaticidade que nos indica, tal como vimos com Rio-Torto (2012), que não poderemos depreender qual o sentido de uma frase pela interpretação da soma de todas as partes do enunciado; Fillmore *et al.* (1998) propõem, inclusive, que tais expressões se esquivam a padrões gramaticais e/ou lexicais, pondo também em causa o princípio da composicionalidade. Retomando Lopes (1992: 13), estas são expressões “que funcionam como um bloco coeso, de extensão variável”, sendo também consideradas “pré-construídas”, isto é, por palavras da autora, “não são expressões formadas livremente no acto de fala”. São unidades que ativam a necessidade de uma competência comunicativa que vai para além de uma competência meramente gramatical por ganharem um significado maioritariamente contextual (vd. Secção 1.5).

Quanto ao objeto de estudo revisto nesta dissertação, os dicionários idiomáticos de inglês e de alemão, podemos observar que, em ambos os casos, os autores optaram por traduções que, a nosso ver, serão as mais adequadas. No entanto, será sempre necessário ter em conta que o género textual do dicionário é um género com uma estrutura bastante marcada, que permite poucas alterações às suas características. Ainda assim, uma das fragilidades que podemos apontar ao dicionário idiomático de alemão será a inexistência de frases-modelo com a EI em uso prático; a única alternativa que nos é apresentada é uma possível tradução (ou até duas) da expressão em estudo, mas sempre sem nos dar qualquer outro dado contextual. Em vez disso, apenas temos alguns modelos de frase com

o uso destas EIs em português, o que poderá, por vezes, tornar difícil uma tomada de posição quanto às opções de tradução sugeridas pelos autores.

Foi-nos possível, então, determinar que algumas expressões podem, efetivamente, ser traduzidas através de um equivalente pragmático, principalmente quando este reflete a mesma metáfora contida na EI na língua do TP ou uma bastante próxima. Em casos raros poderemos, inclusive, recorrer a um equivalente literal; no entanto, para justificar o uso de um equivalente desse género, teremos de analisar se a tradução literal traduz a intenção comunicativa pretendida, o que quer dizer que a mesma expressão poderá existir em duas línguas sob a mesma forma, lexical e sintática, mas com significados pragmáticos distintos – poderá acontecer igualmente em duas variantes da mesma língua, como podemos ver na Amostra 3, no nosso estudo de caso. Em alguns momentos, será necessário recorrer à explicitação da informação contida no texto, nomeadamente quando não existe um equivalente que possa transmitir na totalidade a informação pretendida. A nosso ver, a tradução literal acompanhada de nota explicativa poderá ser, em muitos casos, tal como na Amostra 17, vista como “último recurso”, mais precisamente por a nota explicativa necessária para a compreensão da EI correr o risco de ter de ser demasiado extensa para que o seu significado seja traduzido sem perda de informação. A nossa visão é a de que a tradução literal acompanhada de nota explicativa será mais adequada em casos didáticos, no ensino e aprendizagem de uma língua, de forma a que as EIs possam ser compreendidas na sua totalidade; na maior parte dos casos restantes, as EIs são traduzidas com um determinado propósito, para o qual é tido em conta todo o texto e o contexto onde estas se inserem. Já no ensino de uma língua, a situação será diferente; uma pessoa que se encontre em processo de aprendizagem e se depare com uma EI pela primeira vez necessitará de uma explicação detalhada, de modo a que possa compreendê-la e usá-la no futuro sem correr o risco de veicular a informação errada.

Um dos objetivos deste estudo será, também, desbravar terreno para tratar de outros tópicos abrangidos pelo campo da idiomaticidade, como os *phrasal verbs*, por exemplo, mencionados no nosso trabalho, que são ainda um grande desafio quer no mundo da tradução, quer no mundo do ensino; e, ainda, a rotinas verbais, levemente tratadas neste

estudo, que são também dignas de uma análise mais aprofundada, de forma a que possam ser corretamente traduzidas em diversas línguas, evitando, assim, uma *mistranslation*, bastante comum em casos como a diferenciação entre *good evening* e *good night*, a título de exemplo.

As rotinas verbais, também denominadas “automatismos linguísticos”, possuem um evidente grau de idiomaticidade, mas, na nossa perspectiva, face a todas as definições apresentadas ao longo deste estudo, e também por não surgirem em nenhum dos dicionários analisados, consideramos que os mesmos não configuram instâncias de EIs, mas sim de outro tipo de enunciados que poderia ser tratado num estudo à parte, para que pudéssemos enquadrá-los numa categoria específica.

Por fim, vale a pena refletir sobre a formação que os tradutores recebem, ou pelo menos deveriam receber, quer seja formação académica, ou formação contínua em ambiente de trabalho. As ferramentas de auxílio à tradução estão em constante evolução, assim como a língua em geral – mais especificamente, até, o inglês, língua que domina o mundo em diferentes campos da nossa vida e que se torna cada vez mais necessária e, ao mesmo tempo, cada vez mais comum nos dias de hoje. Dadas todas estas evoluções, será importante os tradutores receberem formação sobre como usar estas ferramentas de apoio à tradução, assim como em relação ao planeamento e produção textuais, além de investimento em formação no âmbito da teoria da tradução. Assim, os pressupostos aprendidos poderão ser depois postos em prática. As EIs mostram ser um tópico para cuja tradução um tradutor precisa de formação específica, dado serem um item linguístico com características muito marcadas que, no ato da tradução, não podem ser ignoradas; traduzir uma EI não envolve as mesmas competências que traduzir uma expressão que não prevê qualquer grau de idiomaticidade, representando, assim, um desafio maior para o tradutor. Assim sendo, aconselharíamos a integração do estudo das EIs (e outros itens como os já mencionados – rotinas verbais e *phrasal verbs*) nos programas de formação em tradução, visto que uma EI, por ser um componente próprio de uma língua e de uma cultura, poderá surgir praticamente em qualquer texto que seja apresentado ao tradutor, pelo que este deverá estar convenientemente preparado para reagir a uma tal ocorrência.

Com este trabalho esperamos ter conseguido expor de forma clara todos os aspetos a ter em conta na tradução de uma EI. Na nossa opinião, todos os temas abordados são imprescindíveis aquando da interpretação e tradução das EIs, pelo que não teria sido produtivo deixar qualquer um deles de parte.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

- Nash, M. G., Ramos Ferreira, W. (2008, 2010). *Dicionário de Expressões idiomáticas Inglês-Português*. Melhoramentos Ltda.
- Schemann, H., Schemann-Dias, L. (s.d.) *Dicionário IDIOMÁTICO português-alemão*. Max Hueber Verlag. Livraria Cruz. 863 pp.

Fontes secundárias

- Adam, J. M. (2002). *En finir avec les types de textes*. In: Ballabriga M (eds.) *Analyse des discours. Types et genres, communication et interprétation*. Toulouse: Champs du signe, Editions Universitaires du Sud, pp. 25-43.
- Adelnia, A., Dastjerdi, Hossein V. (2011). *Translation of Idioms: A Hard Task for the Translator*. in *Theory and Practice in Language Studies*, Vol. 1, Nº 7, pp. 879-833. Academy publisher. ISSN: 1799-2591.
- Corpas Pastor, G. (1997). *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos. ISBN: 84-249-1829-0.
- Corpas Pastor, G. (2001). *En torno al concepto de colocación*. Euskera – XLVI, 1. Universidade de Málaga. pp. 90-108.
- Duarte, I. M. (2009). *Unités lexicales idiomatiques, lecture et intercompréhension: quelques exemples du Portugais*, in Carreira, M.H. & Cristóvão, A (dir.), *Travaux et documents L'enseignement du portugais et des cultures d'expression portugaise: contribution à un dialogue interculturel*, nº 45, Université Paris 8, Vincennes Saint Denis, 2009, pp. 49-62.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. (tradução, revisão técnica e prefácio por Izabel Magalhães). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Fillmore, C. J., Kay, P., O'Connor, M. C. (1988). *Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of Let Alone*. in *Language*, vol. 64, nº 3 – pp. 501-538. Disponível em <http://links.jstor.org/sici?sici=0097-8507%28198809%2964%3A3%3C501%3ARAIIGC%3E2.0.CO%3B2-Y> [em linha]. Consultado a 15 de dezembro de 2015.
- Fonseca, J. (1994) *Para uma iniciação metódica à Pragmática Linguística* in Fonseca, J. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora.

- Frege, G. (1892). *Über Sinn und Bedeutung*. in *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, NF 100 – pp. 25-50, Leipzig
- Ganji, M. (2011). *The best way to teach phrasal verbs: translation, sentential contextualization or metaphorical conceptualization?*. in *Theory and Practice in Language Studies*, Vol. 1, Nº 11, pp. 1497-1506. Academy publisher. ISSN: 1799-2591.
- Goffman, E. (1959) *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday.
- Goldberg, A. E. (2016). *Compositionality*. In Nick Riemer (ED.), *Routledge Semantics Handbook*. Routledge.
- Göpferich, S. (2009). *Comprehensibility assessment using the Karlsruhe Comprehensibility Concept*. Department of Translation Studies, University of Graz.
- Guiraud, P. (1961). *Les Locutions Françaises*. Paris: Presses Universitaires de France, col. *Que sais-je?*
- Halliday, M. A. K. (2014). *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. Revisão de Christian M. I. M. Matthiessen. 4ª edição. Routledge. pp. 789.
- Hymes, D. H. (1972). *On communicative competence*. In: J. B. Pride and J. Holmes (eds) *Sociolinguistics. Selected readings*. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293 (part 2)
- Kade, O. (1968). *Zufall oder Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung*. Verlag Enzyklopädie.
- Kavka, S., Zybert, J. (2004). *Glimpses on the History of Idiomaticity Issues*. Disponível em <http://www.osu.cz/ffi/kaa/dokumenty/kavka/glimpses.pdf>⁶¹. Primeiro acesso a 15 de dezembro de 2015.
- Keromnes, Y. (2013). *Les Métaphores – et leur traduction – dans la vie quotidienne*. Septet, pp. 68-87. <hal-00944651>.
- Klett, E. (2013). *Les expressions idiomatiques et leur défigement. Parcours contrastif et interculturel*. in *Synergies Argentine* nº2 – pp. 59-66.
- Lakoff, G., Johnson, M. (1980). *The Metaphorical Structure of the Human Conceptual System*. in *Cognitive Science*, 4, pp. 195-208.
- Lakoff, G., Johnsen, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lopes, A. C. M. (1992). *Texto proverbial português – contributos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de doutoramento em Letras (Linguística Portuguesa) apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Coimbra Universidade de Coimbra.

⁶¹ O documento original usado é o mesmo, mas foi retirado de uma fonte que, neste momento, não se encontra acessível e possuí, por isso, uma estrutura diferente, podendo variar a paginação do documento.

- Martins, C. S. N. (2003). *A metáfora na Terminologia: análise de metáforas terminológicas em textos jurídicos do ambiente*. Dissertação de Mestrado. pp. 308. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Móia, T. (2014). *Construção de textos: gramaticalidade, coesão e coerência*. in *Revista do CEJ*, II – pp. 271-279.
- Murar, J. (2009). *Pragmatic and Functional Uses of Idioms*. Disponível em: http://cis01.central.ucv.ro/litere/activ_st/articole_anale_lingvistica_2009/murar_ioana.pdf. [em linha] última consulta a 31 de janeiro de 2016.
- Náray-Szabó, M. (2002). *Quelques remarques sur la définition du phrasème*. in *Revue d'Études Françaises*, N° 7.
- Nord, C. (2006). *Loyalty and fidelity in specialized translation*. in *Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica*, N° 4, pp. 29-41.
- Norén, K., Linell, P. (2007). *Meaning potentials and the interaction between lexis and contexts: an empirical substantiation*. *Pragmatics* 17:3.387-416. International Pragmatics Association.
- Nouar, Y. (s.d.). *Linguistic competence, communicative competence, pragmatic competence and their implications for foreign language teaching and testing*. Disponível em <https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id=572ae95496b7e48467017828&assetKey=AS%3A358271690002446%401462430035833>. Consultado a 1 de setembro de 2016.
- Ortweiler, S. E. (1988). *A tradução dos idiomatismos culturais*. USP: Trab. Ling. Apl. Campinas (11) – pp. 43-52.
- Pelletier, F. J. (1994). *The principle of semantic compositionality*. in *Topoi* 13 – pp. 11-24. Holanda: Kluwer Academic Publishers.
- Pinto, A.G. (1997). *Publicidade: um discurso de sedução*. Porto: Porto Editora.
- Pym, A. (2010). *Translation theory today and tomorrow – responses to equivalence*. in *Translationswissenschaft – Stand und Perspektiven*. Frankfurt aM: Peter Lang. pp. 1-14.
- Ribeiro, P. N. (2008). *Composicionalidade semântica em expressões idiomáticas não-composicionais*. in *GT Semântica, sintaxe e interfaces – abordagens formais – Anais do CEL SUL*.
- Rio-Torto, G. (2012). *Lexical idiomaticity and word processing*. in *Los limites de la morfología. Estudios ofrecidos a Soledad Varela Ortega*. Coleção Estudios 147, pp. 397-412. Universidade de Coimbra, CELGA.

- Rodrigues, I. G., Cordas, J., Mouta, M. (2003). *Porque é que a cabeça deita fumo? Metáforas em idiomatismos do português, francês e alemão*. in *Língua portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. FLUP/CLUP – pp. 147-184.
- Salinas, L. (2014). *Análisis contrastivo inglés – español de la fraseología (expresiones idiomáticas y refranes) presente en “Asterix in Belgium” y “Asterix in Spain”*. Tese de final de curso. Universidade de Valladolid.
- Silva, A. S. da (2010). *Polissemia e contexto: o problema duro da diferenciação de sentidos*. in *Estudos linguísticos / Linguistic studies*, 5. Lisboa: Edições Colibri / CLUNL – pp. 353-367.
- Silva, G. J. (2012). *Les expressions idiomatiques et les difficultés de compréhension et de la traduction du FLE*. in *Synergies Brésil* nº 10, pp. 113-122.
- Tienson, J. (1983). *Linguistic Competence*. in *Transactions of the Nebraska Academy of Sciences*, XI, pp. 99-104. Nebraska Academy of Sciences.
- Valentim, H. T. (2009). *O princípio de composicionalidade: “divide et tempera” / The Compositionality Principle: “divide et tempera”*. In Valentim, H. T. (org.) *Cadernos WGT. Composicionalidade*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp. 39-49
- Xatara, C., Riva, Huelinton C., Rios, Tatiana C. (2001). *As dificuldades na tradução de idiomatismos*. in *Cadernos de tradução*, vol. 2, nº 8, pp. 183-194. Brasil: Departamento de língua e literatura estrangeiras (DLLE) – UFSC. ISSN: 2175-7968.

Dicionários⁶²

- *Diccionario de la Real Academia Española*. Disponível em: <http://dle.rae.es/>.
- Allen, R. (consultant editor) (2007). *The Penguin English Dictionary*. Penguin Reference Library. ISBN: 978-0-140-51594-7.
- Götz, D., Haensch, G., Wellmann, H. (2008). *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Langenscheidt KG, Berlin und München. ISBN: 978-3-468-49037-8.
- Wehmeier, S., McIntosh, C., Turnbull, J., Ashby, M. (editores). (2005). *Oxford ADVANCED LEARNER'S Dictionary*. 7ª edição. Oxford University Press. ISBN: 978-0-19-400116-8.

⁶² Outros dicionários para além dos dicionários que são a fonte primária deste estudo.